



Universidade da Amazônia

# Primeiros Cantos

**de Gonçalves Dias**



**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [uvb@unama.br](mailto:uvb@unama.br)

## Primeiros Cantos

de Gonçalves Dias

### Prólogo

Dei o nome de Primeiros Cantos às poesias que agora publico, porque espero que não serão as últimas.

Muitas delas não têm uniformidade nas estrofes, porque menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em pocas diversas — debaixo de céu diverso — e sob a influência de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez — no Doiro e no Teia — sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena política para ler em minha alma, reduzindo à linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéias que em mim desperta a vista e uma paisagem ou do oceano — o aspecto enfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a idéia com a paixão — cobrir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e santa — a Poesia como eu a compreendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento deste volume. O Público o julgará; tanto melhor se ele o despreza, porque o Autor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

*Rio de Janeiro, julho de 1846.*

### Poesias americanas

#### CANÇÃO DO EXÍLIO

*Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,  
Im dunkeln die Gold-Orangen glühen,  
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!  
Möcht ich... ziehn.  
— Goethe*

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas tem mais flores,  
Nossos bosques tem mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.  
*Coimbra — Julho 1843.*

## O CANTO DO GUERREIRO

### I

Aqui na floresta  
Dos ventos batida,  
Façanhas de bravos  
Não geram escravos,  
Que estimem a vida  
Sem guerra e lidar.  
— Ouvi-me, Guerreiros.  
— Ouvi meu cantar.

### II

Valente na guerra  
Quem há, como eu sou?  
Quem vibra o tacape  
Com mais valentia?  
Quem golpes daria  
Fatais, como eu dou?  
— Guerreiros, ouvi-me;  
— Quem há, como eu sou?

### III

Quem guia nos ares  
A frecha imprumada,

Ferindo uma presa,  
Com tanta certeza,  
Na altura arrojada  
Onde eu a mandar?  
— Guerreiros, ouvi-me,  
— Ouvi meu cantar.

IV

Quem tantos inimigos  
Em guerras preou?  
Quem canta seus feitos  
Com mais energia?  
Quem golpes daria  
Fatais, como eu dou?  
— Guerreiros, ouvi-me:  
— Quem há, como eu sou?

V

Na caça ou na lide,  
Quem há que me afronte?!  
A onça raivosa  
Meus passos conhece,  
O inimigo estremece,  
E a ave medrosa  
Se esconde no céu.  
— Quem há mais valente,  
— Mais destro do que eu?

VI

Se as matas estrujo  
Co os sons do Boré,  
Mil arcos se encurvam,  
Mil setas lá voam,  
Mil gritos reboam,  
Mil homens de pé  
Eis surgem, respondem  
Aos sons do Boré!  
— Quem é mais valente,  
— Mais forte quem é?

VII

Lá vão pelas matas;  
Não fazem ruído:  
O vento gemendo  
E as malas tremendo  
E o triste carpido  
Duma ave a cantar,  
São eles — guerreiros,  
Que faço avançar.

VIII

E o Piaga se ruge  
No seu Maracá,  
A morte lá paira  
Nos ares frechados,  
Os campos juncados  
De mortos são já:  
Mil homens viveram,  
Mil homens são lá.

IX

E então se de novo  
Eu toco o Boré;  
Qual fonte que salta  
De rocha empinada,  
Que vai marulhosa,  
Fremente e queixosa,  
Que a raiva apagada  
De todo não é,  
Tal eles se escoam  
Aos sons do Boré.  
— Guerreiros, dizei-me,  
— Tão forte quem é?

O CANTO DO PIAGA

I

Ó Guerreiros da Taba sagrada,  
Ó Guerreiros da Tribu Tupi,  
Falam Deuses nos cantos do Piaga,  
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —  
Anhangá me vedava sonhar;  
Eis na horrível caverna, que habito,  
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,  
Manitôs! que prodígios que vil  
Arde o pau de resina fumosa,  
Não fui eu, não fui eu, que o acendi!

Eis rebenta a meus pés um fantasma,  
Um fantasma d'imensa extensão;  
Liso crânio repousa a meu lado,  
Feia cobra se enrosca no chão.

O meu sangue gelou-se nas veias,  
Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,  
Frio horror me coou pelos membros,

Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,  
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.  
Falam Deuses nos cantos do Piaga,  
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!

II

Por que dormes, Ó Piaga divino?  
Começou-me a Visão a falar,  
Por que dormes? O sacro instrumento  
De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céus um negrume  
Toda a face do sol ofuscar;  
Não ouviste a coruja, de dia,  
Seus estrídulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma  
Sem aragem — vergar-se e gemer,  
Nem a lua de fogo entre nuvens,  
Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piaga divino!  
E Anhangá te proíbe sonhar!  
E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,  
E não podes augúrios cantar?!

Ouve o anúncio do horrendo fantasma,  
Ouve os sons do fiel Maracá;  
Manitôs já fugiram da Taba!  
Ó desgraça! Ó ruína! Ó Tupá!

III

Pelas ondas do mar sem limites  
Basta selva, sem folhas, i vem;  
Hartos troncos, robustos, gigantes;  
Vossas matas tais monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente  
— Brenha espessa de vários cipó -  
Dessas brenhas contêm vossas matas,  
Tais e quais, mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,  
Brancas asas abrindo ao tufão,  
Como um bando de cândidas garças,  
Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das águas,

O marinho arcabouço arrancar?  
Nossas terras demanda, fareja...  
Esse monstro... — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?  
Não sabeis a que vem, o que quer?  
Vem matar vossos bravos guerreiros,  
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade —  
Dons cruéis do cruel Anhangá;  
Vem quebrar-vos a maça valente,  
Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,  
Com que a tribu Tupi vai gemer;  
Hão de os velhos servirem de escravos  
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser?

Fugireis procurando um asilo,  
Triste asilo por ínvio sertão;  
Anhangá de prazer há de rir-se,  
Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deuses, ó Piaga, conjura,  
Susta as iras do fero Anhangá.  
Manitôs já fugiram da Taba,  
Ó desgraça! ó ruína!! ó Tupá!

#### O CANTO DO ÍNDIO

Quando o sol vai dentro d'água  
Seus ardores sepultar,  
Quando os pássaros nos bosques  
Principiam a trinar;  
Eu a vi, que se banhava...  
Era bela, ó Deuses, bela,  
Como a fonte cristalina,  
Como luz de meiga estrela.

Ó Virgem, Virgem dos Cristãos formosa,  
Porque eu te visse assim, como te via,  
Calcara agros espinhos sem queixar-me,  
Que antes me dera por feliz de ver-te.

O tacape fatal em terra estranha  
Sobre mim sem temor veria erguido;  
Dessem-me a mim somente ver teu rosto  
Nas águas, como a lua, retratado.

Eis que os seus loiros cabelos  
Pelas águas se espalhavam,  
Pelas águas, que de vê-los  
Tão loiros se enamoravam.

Ela erguia o colo ebúrneo,  
Por que melhor os colhesse;  
Níveo colo, quem te visse,  
Que de amores não morresse!

Passara a vida inteira a contemplar-te,  
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa,  
Sem que dos meus irmãos ouvisse o canto,  
Sem que o som do Boré que incita à guerra  
Me infiltrasse o valor que m'hás roubado,  
Ó Virgem, loira Virgem tão formosa.

Às vezes, quando um sorriso  
Os lábios seus entreabria,  
Era bela, oh! mais que a aurora  
Quando a raiar principia.

Outra vez — dentre os seus lábios  
Uma voz se desprendia;  
Terna voz, cheia de encantos,  
Que eu entender não podia.

Que importa? Esse falar deixou-me n'alma  
Sentir d'amores tão sereno e fundo,  
Que a vida me prendeu, vontade e força  
Ah! que não queiras tu viver comigo,  
Ó Virgem dos Cristãos, Virgem formosa!

Sobre a areia, já mais tarde,  
Ela surgiu toda nua;  
Onde há, ó Virgem, na terra  
Formosura como a tua!?

Bem como gotas de orvalho  
Nas folhas de flor mimosa,  
Do seu corpo a onda em fios  
Se deslizava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha  
Aqui dos meus irmãos, qual sou rei deles!  
Escuta, ó Virgem dos Cristãos formosa.  
Odeio tanto aos teus, como te adoro;  
Mas queiras tu ser minha, que eu prometo  
Vencer por teu amor meu ódio antigo,  
Trocar a maçã do poder por ferros



E ser, por te gozar, escravo deles.

### CAXIAS

Quanto és bela, ó Caxias! - no deserto,  
Entre montanhas, derramada em vale  
De flores perenais,  
És qual tênue vapor que a brisa espalha  
No frescor da manhã meiga soprando  
À flor de manso lago.

Tu és a flor que despontaste livre  
Por entre os troncos de robustos cedros,  
Forte - em gleba inculta;  
És qual gazela, que o deserto educa,  
No ardor da sesta debruçada exangue  
À margem da corrente.

Em mole seda as graças não escondes,  
Não cinges d'ouro a fronte que descansas  
Na base da montanha;  
És bela como a virgem das florestas,  
Que no espelho das águas se contempla,  
Firmada em tronco anoso.

Mas dia inda virá, em que te pejes  
Dos, que ora trajas, símplices ornatos  
E amável desalinho:  
Da pompa e luxo amiga, hão de cair-te  
Aos pés então — da poesia a c'roa  
E da inocência o cinto.

### DEPRECAÇÃO

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto  
Com denso velâmen de penas gentis;  
E jazem teus filhos clamando vingança  
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!

Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:  
Bastante sofremos com tua vingança!  
Já lágrimas tristes choraram teus filhos  
Teus filhos que choram tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe  
Os homens que o raio manejam cruentos,  
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino  
Trás do ouro correndo, vorazes, sedentos.

E a terra em que pisam, e os campos e os rios

Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus :  
Por que lhes concedes tão alta pujança,  
Se os raios de morte, que vibram, são teus?

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto  
Com denso velâmen de penas gentis;  
E jazem teus filhos clamando vingança  
Dos bens que lhes deste da perda infeliz.

Teus filhos valentes, temidos na guerra,  
No albor da manhã quão fortes que os vi!  
A morte pousava nas plumas da frecha,  
No gume da maça, no arco Tupi!

E hoje em que apenas a enchente do rio .  
Cem vezes hei visto crescer e baixar...  
Já restam bem poucos dos teus, qu'inda possam  
Dos seus, que já dormem, os ossos levar.

Teus filhos valentes causavam terror,  
Teus filhos enchiam as bordas do mar,  
As ondas coalhavam de estreitas igaras,  
De frechas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não caçam nas matas frondosas  
A corça ligeira, o trombudo quati...  
A morte pousava nas plumas da frecha,  
No gume da maça, no arco Tupi!

O Piaga nos disse que breve seria,  
A que nos infliges cruel punição;  
E os teus inda vagam por serras, por vales,  
Buscando um asilo por ínvio sertão!

Tupã, ó Deus grande! descobre o teu rosto:  
Bastante sofremos com tua vingança!  
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,  
Teus filhos que choram tão grande tardança.

Descobre o teu rosto, ressurjam os bravos,  
Que eu vi combatendo no albor da manhã;  
Conheçam-te os feros, confessem vencidos  
Que és grande e te vingas, qu'és Deus, ó Tupã!

#### O SOLDADO ESPANHOL

*Un soldat au dur visage*  
— V. Hugo

*Oh! qui révélera les troubles, les mystères  
Que ressentent d'abord deux amants solitaires  
Dans l'abandon d'un chaste amour?  
— Amour et Foi*

O céu era azul, tão meigo e tão brando,  
A terra tão erma, tão quieta e saudosa,  
Que a mente exultava, mais longe escutando  
O mar a quebrar-se na praia arenosa.

O céu era azul, e na cor semilhava  
Vestido sem nódoa de pura donzela;  
E a terra era a noiva que bem se arreava  
De flores, matizes; mas vária, mas bela.

Ela era brilhante,  
Qual raio do sol;  
E ele arrogante,  
De sangue espanhol.

E o espanhol muito amava  
A virgem mimosa e bela;  
Ela amante, ele zeloso  
Dos amores da donzela;  
Ele tão nobre e folgando  
De chamar-se escravo dela!

E ele disse: — Vês o céu? —  
E ela disse: — Vejo. sim;  
Mais polido que o polido  
Do meu véu azul cetim. —  
Torna-lhe ele — (oh! quanto é doce  
Passar-se uma noite assim!).

— Por entre os vidros pintados  
D'igreja antiga, a luzir  
Não vês luz? — Vejo. — E não sentes  
De a veres, meigo sentir?  
— É doce ver entre as sombras  
A luz do templo a luzir!

— E o mar, além, preguiçoso  
Não vês tu em calmaria?  
— É belo o mar; porém sinto,  
Só de o ver, melancolia.  
— Que mais o teu rosto enfeita  
Que um sorriso de alegria.

— E eu tão bem acho em ser triste  
Do que alegre, mais prazer;

Sou triste, quando em ti penso,  
Que só me falta morrer;  
Mesmo a tua voz saudosa  
Vem minha alma entristecer.

— E eu sou feliz, como agora,  
Quando me falas assim;  
Sou feliz quando se riem  
Os lábios teus de carmim;  
Quando dizes que me, adoras,  
Eu sinto o céu dentro em mim.

— És tu só meu Deus, meu tudo,  
És tu só meu puro amar,  
És tu só que o pranto podes  
Dos meus olhos enxugar. —  
Com ela repete o amante:  
- És tu só meu puro amar! —

E o céu era azul, tão meigo e tão brando  
E a terra tão erma, tão só, tão saudosa,  
Que a mente exultava, mais longe escutando  
O mar a quebrar-se na praia arenosa!

II

*Ainsi donc aujourd'hui, demain, après encore,  
Il faudra voir sans tal naître et mourir l'aurore!*

-- V. Hugo

E o espanhol viril, nobre e formoso,  
No bandolim  
Seus amores dizia mavioso,  
Cantando assim:

"Já me vou por mar em fora  
Daqui longe a mover guerra,  
Já me vou, deixando tudo,  
Meus amores, minha terra.

"Já me vou lidar em guerras,  
Vou-me a Índia ocidental;  
Hei de ter novos amores...  
De guerras... não temas al.

"Não chores, não, tão coitada,  
Não chores por t'eu deixar;  
Não chores, que assim me custa  
O pranto meu soffrear.

"Não chores! — sou como o Cid  
Partindo para a campanha;  
Não ceifarei tantos louros,  
Mas terei pena tamanha."

E a amante que assim o via  
Partir-se tão desditoso,  
— Vai, mas volta; lhe dizia:  
Volta, sim, vitorioso.

"Como o Cid, oh! crua sorte  
Não me vou nesta campanha  
Guerrear contra o crescente,  
Porém sim contra os d'Espanha!

"Não me aterram; porém sinto  
Cerrar-se o meu coração,  
Sinto deixar-te, meu anjo,  
Meu prazer, minha afeição.

"Como é doce o romper d'alva,  
É-me doce o teu sorrir,  
Doce e puro, qual d'estrela  
De noite — o meigo luzir.

"Eram meus teus pensamentos,  
Teu prazer minha alegria,  
Doirada fonte d'encantos,  
Fonte da minha poesia.

"Vou-me longe, e o peito levo  
Rasgado de acerba dor,  
Mas comigo vão teus votos,  
Teus encantos, teu amor!

"Já me vou lidar em guerras,  
Vou-me a Índia ocidental;  
Hei de ter novos amores...  
De guerras... não temas al."

Esta era a canção que acompanhava  
No bandolim,  
Tão triste, que de triste não chorava  
Dizendo assim:

### III

O Conde deu o sinal da partida  
— À caça! meus amigos.  
— Burger

"Quero, pajens, selado o ginete,

Quero em punho nebris e falcão,  
Qu' é promessa de grande caçada  
Fresca aurora d'amigo verão.

"Quero tudo luzindo, brilhante  
— Curta espada e venab'lo e punhal,  
Cães e galgos farejem diante  
Leve odor de sanhudo animal.

"E ai do gamo que eu vir na coutada,  
Corça, onagro, que eu primo avistar!  
Que o venab'lo nos ares voando  
Lhe há de o salto no meio quebrar.

Eia, avante! — Dizia folgando  
O fidalgo mancebo, loução:  
— Eia, avante? — e já todos galopam  
Trás do moço, soberbo infanção.

E partem, qual do arco arranca e voa  
Nos amplos ares, mais veloz que a vista,  
A plúmbea seta da entesada corda.  
Longe o eco reboa: — já mais fraco,  
Mais fraco ainda, pelos ares voa.  
Dos cães dúbio o latir se escuta apenas,  
Dos ginetes tropel, rinchar distante  
Que em lufadas o vento traz por vezes.  
Já som nenhum se escuta... Quê? — latido  
De cães, incerto, ao longe? Não, foi vento  
Na torre castelã batendo acaso,  
Nas seteiras acaso sibilando  
Do castelo feudal, deserto agora.

IV

*Vois, à l'horizon  
Aucune maison?  
— Aucune.  
— V. Hugo*

Já o sol se escondeu; cobre a terra  
Belo manto de frouxo luar;  
E o ginete, que esporas atacam,  
Nitre e corre sem nunca parar.

Da coutada nas ínvias ramagens  
Vai sozinho o mancebo infanção;  
Vai sozinho, afanoso trotando  
Sem temores, sem pajens, sem cão.

Companheiros da caça há perdido,

Há perdido no aceso caçar;  
Há perdido, e não sente receio  
De sozinho, nas sombras trotar.

Corno ebúrneo embocou muitas vezes,  
Muitas vezes de si deu sinal;  
Bebe atento a resposta, e não ouve  
Outro som responder-lhe; inda mal!

E o ginete que esporas atracam,  
Nitre e corre sem nunca parar;  
Já o sol se escondeu, cobre a terra  
Belo manto de frouxo luar.

V

*De rosée  
Arrosée.*

*La rose a moins de fraîcheur.*

— Henrique IV

Silêncio grato da noite  
Quebram sons duma canção,  
Que vai dos lábios de um anjo  
Do que escuta ao coração.

Dizia a letra mimosa  
Saudades de muito amar;  
E o infanção enleiado  
Atento, pôs-se a escutar.

Era encantos voz tão doce,  
Incentivo essa ternura,  
Gerava delícias n'alma  
Sonhar d'havê-la a ventura.

Queixosa cantava a esposa  
Do guerreiro que partiu,  
Largos anos são passados,  
Missiva dele não viu...

Parou!... escutando ao perto  
Responder-lhe outra canção!...  
Era terna a voz que ouvia,  
Lisonjeira — do infanção:

"Tenho castelo soberbo  
Num monte, que beija um rio,  
De terras tenho no Doiro  
Jeiras cem de lavradio;

"Tenho lindas haquenéias,  
Tenho pajens e matilha,  
Tenho os melhores ginetes  
Dos ginetes de Sevilha;

"Tenho punhal, tenho espada  
D'alfageme alta feitura,  
Tenho lança, tenho adaga,  
Tenho completa armadura.

"Tenho fragatas que cingem  
Dos mares a linfa clara,  
Que vão preiando piratas  
Pelas rochas de Megara.

"Dou-te o castelo soberbo  
E as terras do fértil Doiro,  
Dou-te ginetes e pajens  
E a espada de pomo d'oiro.

"Dera a completa armadura  
E os meus barcos d'alto-mar,  
Que nas rochas de Megara  
Vão piratas cativar.

"Fala de amores teu canto,  
Fala de acesa paixão...  
Ah! senhora, quem tivera  
Dos agrados teus condão!

"Eu sou mancebo, sou Nobre,  
Sou nobre moço infância;  
Assim pudesse o meu canto  
Algemar-te o coração,  
Ó Dona, que eu dera tudo  
Por vencer-te essa isenção!

Atenta escutava a esposa  
Do guerreiro que partiu,  
Largos anos são passados,  
Missiva dele não viu;  
Mas da letra que escutava  
Delícias n'alma sentiu.

## VI

*Si tu voulais, Madeleine,  
Je te ferais châtelaine;  
Je suis le comte Roger: —  
Quitte pour moi ces chaumières,  
A moins que tu me préfères*



*Que je me fasse berger.*  
— V. Hugo

E noutra noite saudoso  
Bem junto dela sentado,  
Cantava brandas endechas  
O gardingo namorado.

"Careço de ti, meu anjo,  
Careço do teu amor,  
Como da gota d'orvalho  
Carece no prado a flor.

"Prazeres que eu nem sonhava  
Teu amor me fez gozar;  
Ah! que não queiras, senhora,  
Minha dita rematar.

"O teu marido é já morto,  
Notícia dele não soa;  
Pois desta gente guerreira  
Bastos ceifa a morte à toa.

"Ventura me fora ver-te  
Nos lábios teus um sorriso,  
Delícias me fora amar-te,  
Gozar-te meu paraíso.

"Sinto aflição, quando choras;  
Se te ris, sinto prazer;  
Se te ausentas, fico triste,  
Que só me falta morrer.

"Careço de ti, meu anjo,  
Careço do teu amor,  
Como da gota d'orvalho  
Carece no prado a flor."

## VII

*L'époux, dont nul ne se souvient,  
Vient;  
Il va punir ta vie infâme,  
Femme!*  
— V. Hugo

Era noite hibernal; girava dentro  
Da casa do guerreiro o riso, a dança,  
E reflexos de luz, e sons, e vozes,  
E deleite, e prazer: e fora a chuva,  
A escuridão, a tempestade, e o vento,

Rugindo solto, indômito e terrível  
Entre o negror do céu e o horror da terra.  
Na geral confusão os céus e a terra  
Horrenda simpatia alimentavam.

Ferve dentro o prazer, reina o sorriso,  
E fora a teritar, fria, medonha,  
Marcha a vingança pressurosa e torva:  
Traz na destra o punhal, no peito a raiva,  
Nas faces palidez, nos olhos morte.  
O infanção extremoso enchia rasa  
A taça de licor mimoso e velha,  
Da usança ao brinde convidando a todos  
Em honra da esposada: — À noiva! exclama.

E a porta range e cede, e franca e livre  
Introduz o tufão, e um vulto assoma  
Altivo e colossal. — Em honra, brada,  
Do esposo deslembrado! — e a taça empunha,  
Mas antes que o licor chegasse aos lábios,  
Desmaiada e por terra jaz a esposa,  
E a destra do infanção maneja o ferro,  
Por que tão grande afronta lave o sangue,  
Pouco, bem pouco para injúria tanta.  
Debalde o fez, que lhe golpeja o sangue  
D'ampla ferida no sinistro lado,  
E ao pé da esposa o assassino surge  
Co'o sangrento punhal na destra alçado.

A flor purpúrea que matiza o prado,  
Se o vento da manhã lhe entorna o cálix,  
Perde aroma talvez; porém mais belo  
Colorido lhe vem do sol nos raios.  
As fagueiras feições daquele rosto  
Assim foram tão bem; não foi do tempo  
Fatal o perpassar às faces lindas.

Nota-lhe ele as feições, nota-lhe os lábios,  
Os curtos lábios que lhe deram vida,  
Longa vida de amor em longos beijos,  
Qual jamais não provou; e as iras todas  
Dos zelos vingadores descansaram  
No peito de sofrer cansado e cheio,  
Cheio qual na praia fica a esponja,  
Quando a vaga do mar passou sobre ela.

Num relance fugiu, minaz no vulto:  
Como o raio que luz um breve instante,  
Sobre a terra baixou, deixando a morte.

POESIAS DIVERSAS

A LEVIANA

*Souvent femme varie,  
Bien fol est qui s'y fie.*  
— Francisco I

És engraçada e formosa  
Como a rosa,  
Como a rosa em mês d'Abril;  
És como a nuvem doirada  
Deslizada,  
Deslizada em céus d'anil.

Tu és vária e melindrosa,  
Qual formosa  
Borboleta num jardim,  
Que as flores todas afaga,  
E divaga  
Em devaneio sem fim.

És pura, como uma estrela  
Doce e bela,  
Que treme incerta no mar:  
Mostras nos olhos tua alma  
Terna e calma,  
Como a luz d'almo luar.

Tuas formas tão donosas,  
Tão airosas,  
Formas da terra não são;  
Pareces anjo formoso,  
Vaporoso,  
Vindo da etérea mansão.

Assim, beijar-te receio,  
Contra o seio  
Eu tremo de te apertar:  
Pois me parece que um beijo  
É sobejo  
Para o teu corpo quebrar.

Mas não digas que és só minha!  
Passa asinha  
A vida, como a ventura;  
Que te não vejam brincando,  
E folgando  
Sobre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora  
Bela aurora  
De fulgores radiante;  
Tal a vaga mariposa  
Brinca e pousa  
Dum cadáver no semblante.

#### A MINHA MUSA

*Gratia, Musa, tibi; nam tu solattia praebes.*  
— Ovídio

Minha Musa não é como ninfa  
Que se eleva das águas — gentil —  
Co'um sorriso nos lábios mimosos,  
Com requebros, com ar senhoril.

Nem lhe pousa nas faces redondas  
Dos fagueiros anelos a cor;  
Nesta terra não tem uma esp'rança,  
Nesta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,  
Não habita um palácio encantado,  
Quer em meio de matas sombrias,  
Quer à beira do mar levantado.

Não tem ela uma senda florida,  
De perfumes, de flores bem cheia,  
Onde vague com passos incertos,  
Quando o céu de luzeiros se arreia.

Não é como a de Horácio a minha Musa;  
Nos soberbos alpendres dos Senhores  
Não é que ela reside;  
Ao banquete do grande em lauta mesa,  
Onde gira o falerno em taças d'oiro,  
Não é que ela preside.

Ela ama a solidão, ama o silêncio,  
Ama o prado florido, a selva umbrosa  
E da rola o carpir.  
Ela ama a viração da tarde amena,  
O sussurro das águas, os accents  
De profundo sentir.

D'Anacreonte o gênio prazenteiro,  
Que de flores cingia a fronte calva  
Em brilhante festim,  
Tomando inspirações à doce amada,

Que leda lh'enflorava a ebúrnea lira;  
De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta  
Nas cordas magoadas me não pousam  
Da lira de marfim.  
Correm meus dias, lacrimosos, tristes,  
Como a noite que estende as negras asas  
Por céu negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste  
O sincero verter d'amargo pranto  
D'órfã singela;  
E triste como o som que a brisa espalha,  
Que ciciza nas folhas do arvoredado  
Por noite bela.

É triste como o som que o sino ao longe  
Vai perder na extensão d'ameno prado  
Da tarde no cair,  
Quando nasce o silêncio involto em trevas,  
Quando os astros derramam sobre a terra  
Merencório luzir.

Ela então, sem destino, erra por vales,  
Erra por altos montes, onde a enxada  
Fundo e fundo cavou;  
E pára; perto, jovial pastora  
Cantando passa — e ela cisma ainda  
Depois que esta passou.

Além — da choça humilde s'ergue o fumo  
Que em risonha espiral se eleva às nuvens  
Da noite entre os vapores;  
Muge solto o rebanho; e lento o passo,  
Cantando em voz sonora, porém baixa,  
Vêm andando os pastores.

Outras vezes também, no cemitério,  
Incerta volve o passo, soletrando  
Recordações da vida;  
Roça o negro cipreste, calca o musgo,  
Que o tempo fez brotar por entre as fendas  
Da pedra carcomida.

Então corre o meu pranto muito e muito  
Sobre as úmidas cordas da minha Harpa,  
Que não ressoam;  
Não choro os mortos, não; choro os meus dias  
Tão sentidos, tão longos, tão amargos,

Que em vão se escoam.

Nesse pobre cemitério  
Quem já me dera um lugar!  
Esta vida mal vivida  
Quem já me dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,  
Da pastora invejo a vida,  
Invejo o sono dos mortos  
Sob a laje carcomida.

Se qual pegão tormentoso,  
O sopro da desventura  
Vai bater potente à porta  
De sumida sepultura:

Uma voz não lhe responde,  
Não lhe responde um gemido,  
Não lhe responde urna prece,  
Um ai — do peito sentido.

Já não têm voz com que falem,  
Já não têm que padecer;  
No passar da vida à morte  
Foi seu extremo sofrer.

Que lh'importa a desventura?  
Ela passou, qual gemido  
Da brisa em meio da mata  
De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como eles!  
Quem me dera descansar!  
Nesse pobre cemitério  
Quem me dera o meu lugar,  
E co'os sons das Harpas d'anjos  
Da minha Harpa os sons casar!

#### DESEJO

*E poi morir.*  
— Metastásio

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos  
Sequer por um instante, nesta vida  
Amor igual ao meu!  
Dá, Senhor Deus, que eu sobre a terra encontre  
Um anjo, uma mulher, uma obra tua,  
Que sinta o meu sentir;

Uma alma que me entenda, irmã da minha,  
Que escute o meu silêncio, que me siga  
Dos ares na amplidão!  
Que em laço estreito unidas, juntas, presas,  
Deixando a terra e o lodo, aos céus remontem  
Num êxtase de amor!

### SEUS OLHOS

*Oh! rouvre tes grands yeux, dont la paupière tremble,  
Tes yeux pleins de langueur;  
Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble!  
Rouvre-les; ce regard manque à ma vie, il semble  
Que tu fermes ton coeur.*  
— Turquety

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
De vivo luzir,  
Estrelas incertas, que as águas dormentes  
Do mar vão ferir;  
Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Têm meiga expressão,  
Mais doce que a brisa, — mais doce que o nauta  
De noite cantando, — mais doce que a flauta  
Quebrando a solidão.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
De vivo luzir,  
São meigos infantes, gentis, engraçados  
Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando  
Em jogo infantil,  
Inquietos, travessos; — causando tormento,  
Com beijos nos pagam a dor de um momento,  
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Assim é que são;  
Às vezes luzindo, serenos, tranquilos,  
Às vezes vulcão!

Às vezes, oh! sim, derramam tão fraco,  
Tão frouxo brilhar,  
Que a mim me parece que o ar lhes falece,  
E os olhos tão meigos, que o pranto umedece  
Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquilo,  
Desperta a chorar;

E mudo e sisudo, cismando mil coisas,  
Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,  
Às vezes do céu  
Cai doce harmonia duma Harpa celeste,  
Um vago desejo; e a mente se veste  
De pranto co'um véu.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos  
Da pátria melhor;  
Eu amo seus olhos que choram sem causa  
Um pranto sem dor.

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,  
De vivo fulgor;  
Seus olhos que exprimem tão doce harmonia,  
Que falam de amores com tanta poesia.  
Com tanto pudor.

Seus olhos tão negros, tão belos, tão puros,  
Assim é que são;  
Eu amo esses olhos que falam de amores  
Com tanta paixão.

### INOCÊNCIA

*Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.*  
— S. Beuve

Ó meu anjo, vem correndo,  
Vem tremendo  
Lançar-te nos braços meus;  
Vem depressa, que a lembrança  
Da tardança  
Me aviva os rigores teus.

Do teu rosto, qual marfim,  
De carmim  
Tinge um nada a cor mimosa;  
É belo o pudor, mas choro,  
E deploro  
Que assim sejas medrosa.

Por inocente tens medo  
De tão cedo,  
De tão cedo ter amor;  
Mas sabe que a formosura  
Pouco dura,  
Pouco dura, como a flor.



Corre a vida pressurosa,  
como a rosa,  
Como a rosa na corrente.  
Amanhã terás amor?  
Como a flor,  
Como a flor fenece a gente.

Hoje ainda és tu donzela  
Pura e bela,  
Cheia de meigo pudor;  
Amanhã menos ardente  
De repente  
Talvez sintas meu amor.

### PEDIDO

Ontem no baile  
Não me atendias!  
Não me atendias,  
Quando eu falava.

De mim bem longe  
Teu pensamento!!  
Teu pensamento,  
Bem longe errava.

Eu vi teus olhos  
Sobre outros olhos!  
Sobre outros olhos,  
Que eu odiava.

Tu lhe sorriste  
Com tal sorriso!  
Com tal sorriso,  
Que apunhalava.

Tu lhe falaste  
Com voz tão doce!  
Com voz tão doce,  
Que me matava.

Oh! não lhe fales,  
Não lhe sorrias,  
Se então só qu'rias  
Exp'rimentar-me.

Oh! não lhe fales,  
Não lhe sorrias,  
Não lhe sorrias,  
Que era matar-me.

## O DESENGANO

Já vigílias passei namorado,  
Doces horas d'insônia passei,  
Já meus olhos, d'amor fascinado,  
Em ver só meu amor empreguei.

Meu amor era puro, extremoso,  
Era amor que meu peito sentia,  
Eram lavas de um fogo teimoso,  
Eram notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz,  
Era ver seu sorriso harmonia;  
E os seus modos e gestos e ditos  
Eram graças, perfume e magia.

E o que era o teu amor, que me embalava  
Mais do que meigos sons de meiga lira?  
Um dia o decifrou - não mais que um dia  
Fingimento e mentira!

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia,  
Como uma flor!  
Por que tão cedo o talismã quebraste  
Do nosso amor?

Por que num só instante assim partiste  
Essa anosa cadeia?  
De bom grado a sofreste! essa lembrança  
Inda hoje me recreia.

Quão insensato fui! — busquei firmeza.  
Qual em ondas de areia movediça,  
Na mulher, — não achei!  
E da esp'rança, que eu via tão donosa  
Sorrir dentro em minha alma, as longas asas  
Doido e néscio cortei!

E tu vás caprichosa prosseguindo  
Essa esteira de amor, que julgas cheia  
De flores bem gentis;  
Podes ir, que os meus olhos te não vejam;  
Longe, longe de mim, mas que em minha alma  
Eu sinta qu'és feliz.

Podes ir, que é desfeito o nosso laço,  
Podes ir, que o teu nome nos meus lábios  
Nunca mais soará!  
Sim, vai; — mas este amor que me atormenta,

Que tão grato me foi, que me é tão duro,  
Comigo morrerá!

Tão belo o nosso amor! — foi só de um dia  
Como uma flor!  
Oh! que bem cedo o talismã quebraste  
Do nosso amor!

#### MINHA VIDA E MEUS AMORES

*Mon Dieu, fais que je puisse aimer!*  
— S. Beuve

Quando, no albor da vida, fascinado  
Com tanta luz e brilho e pompa e galas,  
Vi o mundo sorrir-me esperançoso:  
— Meu Deus, disse entre mim, oh! quanto é doce.  
Quanto é bela esta vida assim vivida! -  
Agora, logo, aqui, além, notando  
Uma pedra, uma flor, uma lindeza,  
Um seixo da corrente, uma conchinha  
A beira-mar colhida!

Foi esta a infância minha; a juventude  
Falou-me ao coração: — amemos, disse,  
Porque amar é viver.  
E esta era linda, como é linda a aurora  
No fresco da manhã tingindo as nuvens  
De rósea cor fagueira;  
Aquela tinha um quê de anelos meigos  
Artífice sublime;  
Feiticeiro sorrir dos lábios dela  
Prendeu-me o coração; — julguei-o ao menos.

Aquela outra sorria tristemente,  
Como um anjo no exílio, ou como o cálix  
De flor pendida e murcha e já sem brilho.  
Humilde flor tão bela e tão cheirosa,  
No seu deserto perfumando os ventos.  
— Eu morrera feliz, dizia eu d'alma,  
Se pudesse enxertar uma esperança  
Naquela alma tão pura e tão formosa,  
E um alegre sorrir nos lábios dela.

A fugaz borboleta as flores todas  
Elege, e liba e uma e outra, e foge  
Sempre em novos amores enlevada:  
Neste meu paraíso fui como ela,  
Inconstante vagando em mar de amores.

O amor sincero e fundo e firme e eterno,  
Como o mar em bonança meigo e doce,  
Do templo como a luz perene e santo,  
Não, nunca o senti; — somente o viço  
Tão forte dos meus anos, por amores  
Tão fáceis quanto indí'nos fui trocando.  
Quanto fui louco, ó Deus! — Em vez do fruto  
Sazonado e maduro, que eu podia  
Como em jardim colher, mordi no fruto  
Pútrido e amargo e rebuçado em cinzas,  
Como infante glutão, que se não senta  
À mesa de seus pais.

Dá, meu Deus, que eu possa amar,  
Dá que eu sinta uma paixão,  
Torna-me virgem minha alma,  
E virgem meu coração.

Um dia, em qu'eu sentei-me junto dela,  
Sua voz murmurou nos meus ouvidos,  
— Eu te amo? — Ó anjo, que não possa eu crer-te!  
Ela, certo, não é mulher que vive  
Nas fezes da desonra, em cujos lábios  
Só mentira e traição eterno habitam.  
Tem uma alma inocente, um rosto belo,  
E amor nos olhos... — mas não posso crê-la.

Dá, meu Deus, que eu possa amar,  
Dá que eu sinta uma paixão;  
Torna-me virgem minha alma,  
E virgem meu coração.

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo  
Terna voz lhe escutei: — Sonhei contigo! —  
Inefável prazer banhou meu peito,  
Senti delícias; mas a sós comigo  
Pensei — talvez! — e já não pude crê-la.  
Ela tão meiga e tão cheia de encantos,  
Ela tão nova, tão pura e tão bela. ..  
Amar-me! — Eu que sou?  
Meus olhos enxergam, em quanto duvida  
Minha alma sem crença, de força exaurida,  
Já farta da vida,  
Que amor não doirou.

Mau grado meu, crer não posso, .  
Mau grado meu que assim é;  
Queres ligar-te comigo  
Sem no amor ter crença e fé?

Antes vai colar teu rosto,  
Colar teu seio nevado  
Contra o rosto mudo e frio,  
Contra o seio dum finado.

Ou suplica a Deus comigo  
Que me dê uma paixão;  
Que me dê crença à minha alma,  
E vida ao meu coração.

### RECORDAÇÃO

*Nessun maggior dolore...*

— Dante

Quando em meu peito as aflições rebentam  
Eivadas de sofrer acerbo e duro;  
Quando a desgraça o coração me arrocha  
Em círculos de ferro, com tal força,  
Que dele o sangue em borbotões golpeja;  
Quando minha alma de sofrer cansada, .  
Bem que afeita a sofrer, sequer não pode  
Clamar: Senhor piedade; — e que os meus olhos  
Rebeldes, uma lágrima não vertem  
Do mar d'angústias que meu peito oprime:

Volvo aos instantes de ventura, e penso  
Que a sós contigo, em prática serena,  
Melhor futuro me augurava, as doces  
Palavras tuas, sôfregos, atentos  
Sorvendo meus ouvidos, — nos teus olhos  
Lendo os meus olhos tanto amor, que a vida  
Longa, bem longa, não bastara ainda  
Porque de os ver me saciasse!... O pranto  
Então dos olhos meus corre espontâneo,  
Que não mais te verei. — Em tal pensando  
De martírios calar sinto em meu peito  
Tão grande plenitude, que a minha alma  
Sente amargo prazer de quanto sofre.

### TRISTEZA

Que leda noite! — Este ar embalsamado,  
Este silêncio harmônico da terra  
Que sereno prazer n'alma cansada  
Não espreme, não filtra, não difunde?  
A brisa lá sussurra na folhagem  
D'espessas matas, d'árvores robustas,  
Que velam sempre e sós, que a Deus elevam  
Misterioso coro, que do Bardo

A crença quase morta inda alimenta.  
É esta a hora mágica de encantos,  
Hora d'inspirações dos céus descidas,  
Que em delírio de amor aos céus remontam.

Aqui da vida as lástimas infindas,  
Do mirrado egoísmo a voz ruidosa  
Não chegam; nem soluços, risos, festas,  
— Hilaridade vã de turba incauta,  
Néscia de ruim futuro; ou queixa amarga  
De decrépito velho, enfermo, exangue,  
Nem do mancebo os ais doidos, preso  
Ao leito do sofrer na flor da vida.

Aqui reina o silêncio, o religioso,  
Morno sossego, que povoa as ruínas,  
E o mausoléu soberbo, carcomido,  
E o templo majestoso, em cuja nave  
Suspira ainda a nota maviosa,  
O derradeiro arfar d'órgão solene.

Em puro céu a lua resplandece,  
Melancólica e pura, semelhando  
Gentil viúva que pranteia o extinto,  
O belo esposo amado, e vem de noite,  
Vivendo pelo amor, mau grado a morte,  
Ferventes orações chorar sobre ele.

Eu amo o céu assim, sem uma estrela,  
Azul sem mancha, — a lua equilibrada  
Num céu de nuvens, e o frescor da tarde,  
E o silêncio da noite adormecida,  
Que imagens vagas de prazer desenha.

Amo tudo o que dá no peito e n'alma  
Tréguas ao recordar, tréguas ao pranto,  
À v'emência da dor, à pertinácia  
Tenaz e acerba de cruéis lembranças;  
Amo estar só com Deus, porque nos homens  
Achar não pude amor, nem pude ao menos  
Sinal de compaixão achar entre eles.

Menti — um inda achei; mas este em ócio  
Feliz descansa agora, enquanto aos ventos  
E ao cru furor das verde-negras ondas  
Da minha vida a barca aventureira  
Insano confiei; em céu diverso  
Luzem com luz diversa estrelas d'ambos.  
Ai! triste, que houve tempo em que eu julgava  
As duas uma só, — c'o mesmo brilho

Uma e outra nos céus meigas brilhavam!  
Hoje cintila a dele, enquanto a minha  
Entre nuvens, sem luz, se perde agora.  
Meu Deus, foi bom assim! No imenso pego  
Mais uma gota d'amargor que importa?  
Que importa o fel na taça do absinto,  
Ou uma dor de mais onde outras reinam?

### O TROVADOR

Ele cantava tudo o que merece de ser cantado;  
o que há na terra de grande e de santo — o amor e a virtude.

Numa terra antigamente  
Existia um Trovador;  
Na Lira sua inocente  
Só cantava o seu amor.

Nenhum sarau se acabava  
Sem a Lira de marfim,  
Pois cantar tão alto e doce  
Nunca alguém ouvira assim.

E quer donzela, quer dona,  
Que sentira comoção  
Pular-lhe n'alma, escutando  
Do Trovador a canção;

De jasmims e de açucenas  
A fronte sua adornou;  
Mas só a rosa da amada  
Na Lira amante poisou.

E o Trovador conheceu  
Que era traído — por fim;  
Pôs-se a andar, e só se ouvia  
Nos seus lábios: ai de mim!

Enlutou de negro fumo  
A rosa de seu amor,  
Que meia oculta se via  
Na gorra do Trovador;

Como virgem bela, morta  
Da idade na linda flor,  
Que parece, o dó trajando,  
Inda sorrir-se de amor.

No meio do seu caminho  
Gentil donzela encontrou:

Canta — disse; e as cordas d'ouro  
Vibrando, o triste cantou.

"Teu rosto engraçado e belo  
"Tem a lindeza da flor;  
"Mas é risonho o teu rosto:  
"Não tens de sentir amor!

"Mas tão bem por esse dia  
"Que viverás, como a flor,  
"Mimosa, engraçada e bela,  
"Não tens de sentir amor!

"Oh! não queiras, por Deus, homem que tenha  
"Tingida a larga testa de palor;  
"Sente fundo a paixão, — e tu no mundo  
"Não tens de sentir amor!

"Sorriso jovial te enfeita os lábios,  
"Nas faces de jasmim tens rósea cor;  
"Fundo amor não se ri, não é corado...  
"Não tens de sentir amor;

"Mas se queres amar, eu te aconselho,  
"Que não guerreiro, escolhe um trovador,  
"Que não tem um punhal, quando é traído,  
"Que vingue o seu amor."

Do Trovador pelo rosto  
Torva raiva se espalhou,  
E a Lira sua, tremendo,  
Sem cordas d'ouro ficou.

Mais além no seu caminho  
Donzel garboso encontrou:  
Canta — disse: e argêntas cordas  
Pulsando, o triste cantou.

"Aos homens da mulher enganam sempre  
"O sorriso, o amor;  
"É este breve, como é breve aquele  
"Sorriso enganador.

"Teu peito por amor, Donzel, suspira,  
"Que é de jovens amar a formosura;  
"Mas sabe que a mulher, que amor te jura,  
"Dos lindos lábios seus cospe a mentira!

"Já frenético amor cantei na lira,  
"Delícias já sorvi num seu sorriso,



"Já venturas fruí do paraíso,  
"Em terna voz de amor, que era mentira!

"O amor é como a aragem que murmura  
"Da tarde no cair — pela folhagem;  
"Não volta o mesmo amor à formosura  
"Bem como nunca volta a mesma - aragem.

"Não queiras amar, não; pois que a'sperança  
"Se arroja além do amor por largo espaço.  
"Tens, brilhando ao sol, a forte lança,  
"Tens longa espada cintilante d'aço.

"Tens a fina armadura de Milão,  
"Tens luzente e brilhante capacete,  
"Tens adaga e punhal e bracelete  
"E, qual lúcido espelho, o morrião.  
"Tens feroso corcel todo arreiado,  
"Que mais veloz que os ventos sorve a terra;  
"Tens duelos, tens justas, tens torneios,  
"Que os fracos corações de medo cerro;  
"Tens pajens, tens valetes e escudeiros  
"E a marcha afoita, apercebida em guerra  
"Do luzido esquadrão de mil guerreiros.  
"Oh! não queiras amar! — Como entre a neve  
"O gigante vulcão borbulha e ferve  
"E sulfúrea chama pelos ares lança,  
"Que após o seu cair torna-se fria;  
"Assim tu acharás petrificada,  
"Bem como a lava ardente do vulcão,  
"A lava que teu peito consumia  
"No peito da mulher — ou cinza ou nada —  
"Não frio, mas gelado o coração!"

E o Trovador despeitoso  
De prata as cordas quebrou,  
E nas de chumbo seu fado  
A lastimar começou.

"Que triste que é neste mundo  
"O fado dum Trovador! ,  
"Que triste que é! — bem que tenha ,  
"Sua Lira e seu amor,

"Quando em festejos descanta,  
"Rasgado o peito com dor,  
"Mimoso tem de cantar  
"Na sua Lira — o amor!

"Como a um servo vil ordena

"Um orgulhoso Senhor,  
"Canta, diz-lhe; quero ouvir-te:  
"Quero descantes de amor!

"Diz-lhe o guerreiro, que apenas  
"Lidou em justas de amor:  
"— Minha dama quer ouvir-te,  
"Canta, truão trovador! —

"Manda a mulher que nos deixa  
"De beijos murchada flor:  
"— Canta, truão, quero ouvir-te,  
"Um terno canto de amor!

"Mas se a mulher, que ele adora  
"Atraíça o seu amor;  
"Embalde busca a seu lado  
"Um punhal — o Trovador!

Se escuta palavras dela, —  
"Que a outros juram amor;  
"Embalde busca a seu lado  
"Um punhal — o Trovador!

"Se vê luzir de alguns lábios  
"Um sorriso mofador;  
"Embalde busca a seu lado  
"Um punhal — o Trovador!

"Que triste que é neste mundo  
"O fado dum Trovador!  
"Pesar lhe dá sua Lira,  
"Dá-lhe pesar seu amor!"

E o Trovador neste ponto  
A corda extrema arrancou;  
E num marco do caminho  
A Lira sua quebrou:  
Ninguém mais a voz sentida  
Do Trovador escutou!

AMOR! DELÍRIO — ENGANO

*Y el llanto que en su cólera derrama,  
La hoguera apaga del antiguo amor!*  
— Zorrilla

Amor! delírio — engano... Sobre a terra  
Amor tão bem fruí; a vida Inteira  
Concentrei num só ponto — amá-la, e sempre.

Amei! — dedicação, ternura, extremos  
Cismou meu coração, cismou minha alma,  
— Minha alma que na taça da ventura  
Vida breve d'amor sorveu gostosa.  
Eu e ela, ambos nós, na terra ingrata  
Oásis, paraíso, éden ou templo  
Habitamos uma hora; e logo o tempo  
Com a foice roaz quebrou-lhe o encanto,  
Doce encanto que o amor nos fabricara.

E eu sempre a via!... quer nas nuvens d'oiro  
Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,  
Ou quer na branca nuvem que velava \_  
O círculo da lua, – quer no manto  
D'alvacenta neblina que baixava  
Sobre as folhas do bosque, muda e grave,  
Da tarde no cair; nos céus, na terra,  
A ela, a ela só, viam meus olhos.

Seu nome, sua voz — ouvia eu sempre;  
Ouvia-os no gemer da parda rola,  
No trépido correr da veia argêntea,  
No respirar da brisa, no sussurro  
Do arvoredado frondoso, na harmonia  
Dos astros inefável; — o seu nome!  
Nos fugitivos sons de alguma flauta,  
Que da noite o silêncio realçavam,  
Os ares e a amplidão divinizando,  
Ouviam meus ouvidos; e de ouvi-lo  
Arfava de prazer meu peito ardente.

Ah! quantas vezes, quantas! junto dela  
Não senti sua mão tremer na minha;  
Não lhe escutei um lânguido suspiro,  
Que vinha lá do peito à flor dos lábios  
Deslizar-se e morrer?! Dos seus cabelos  
A mágica fragrância respirando,  
Escutando-lhe a voz doce e pausada,  
Mil venturas colhi dos lábios dela,  
Que Instantes de prazer me futuravam.  
Cada sorriso seu era uma esp'rança,  
E cada esp'rança enlouquecer de amores.

E eu amei tanto! — Oh! não! não hão de os homens  
Saber que amor, à ingrata, havia eu dado;  
Que afetos melindrosos, que em meu peito  
Tinha eu guardado para ornar-lhe a fronte!  
Oh! — não, — morra comigo o meu segredo;  
Rebelde o coração murmure embora.

Que de vezes, pensando a sós comigo,  
Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,  
Da minha vida que farei, se acaso  
Faltar-me o teu amor um só instante;  
— Eu que só vivo por te amar, que apenas  
O que sinto por ti a custo exprimo?  
No mundo que farei, como estrangeiro  
Pelas vagas cruéis à praia Inóspita  
Exânime arrojado? — Eu, que isto disse,  
Existo e penso — e não morri, — não morro  
Do que outrora senti, do que ora sinto  
De pensar nela, de a rever em sonhos,  
Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; e ela de mim jaz esquecida!  
Esquecida talvez de amor tamanho,  
Derramando talvez noutros ouvidos  
Frases doces de amor, que dos seus lábios  
Tantas vezes ouvi, — que tantas vezes  
Em êxtase divino aos céus me alçaram,  
— Que dando à terra ingrata o que era terra  
Minha alma além das nuvens transportaram.  
Existo! como outrora, no meu peito  
Férvido o coração pular sentindo,  
Todo o fogo da vida derramando  
Em queixas mulheris, em moles versos.

E ela!... ela talvez nos braços doutrem  
Com sua vida alimenta uma outra vida,  
Com o seu coração o de outro amante,  
Que mais feliz do que eu, inferno! a goza.  
Ela, que eu respeitei, que eu venerava  
Como a relíquia santa! — a quem meus olhos,  
Receando ofendê-la, tantas vezes  
De castos e de humildes se abaixaram!  
Ela, perante quem sentia eu presa  
A voz nos lábios e a paixão no peito!  
Ela, ídolo meu, a quem o orgulho,  
A força d'homem, o sentir, vontade  
Própria e minha dediquei, — sujeita  
À voz de alguém que não sou eu, — desperta,  
Talvez no instante em que de mim se lembra,  
Por um ósculo frio, por carícias  
Devidas dum esposo!...

Oh! não poder-te,  
Abutre roedor, cruel ciúme,  
Tua funda raiz e a imagem dela  
No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que és meu rival, numa hora,  
Em que ela só julgar-se, hás de escutar-lhe  
Um quebrado suspiro do imo peito,  
Que d'eras já passadas se recorda.  
Hás de escutá-lo, e ver-lhe a cor do rosto  
Enrubescer-se ao deparar contigo!  
Preso serás também d'atros cuidados,  
Terás ciúme, e sofrerás qual soffro:  
Nem menor que o meu mal quero a vingança.

### DELÍRIO

Quando dormimos o nosso espírito vela.  
— Ésquilo

A noite quando durmo, esclarecendo  
As trevas do meu sono,  
Uma etérea visão vem assentar-se  
Junto ao meu leito aflito!  
Anjo ou mulher? não sei. — Ah! se não fosse  
Um qual véu transparente,  
Como que a alma pura ali se pinta  
Ao través do semblante,  
Eu a crera mulher... — E tentas, louco,  
Recordar o passado,  
Transformando o prazer, que desfrutaste,  
Em lentas agonias?!

Visão, fatal visão, por que derramas  
Sobre o meu rosto pálido  
A luz de um longo olhar, que amor exprime  
E pede compaixão?  
Por que teu coração exala uns fundos,  
Magoados suspiros,  
Que eu não escuto, mas que vejo e sinto  
Nos teus lábios morrer?  
Por que esse gesto e mórbida postura  
De macerado espírito,  
Que vive entre aflições, que já nem sabe  
Desfrutar um prazer?

Tu falas! tu que dizes? este acento,  
Esta voz melindrosa,  
Noutros tempos ouvi, porém mais lida;  
Era um hino d'amor.  
A voz, que escuto, é magoada e triste,  
— Harmonia celeste,  
Que à noite vem nas asas do silêncio  
Umedecer as faces  
Do que enxerga outra vida além das nuvens.

Esta voz não é sua;  
É acorde talvez d'harpa celeste,  
Caído sobre a terra!

Balucias uns sons, que eu mal percebo,  
Doridos, compassados,  
Fracos, mais fracos; — lágrimas despontam  
Nos teus olhos brilhantes...  
Choras! tu choras!... Para mim teus braços  
Por força irresistível  
Estendem-se, procuram-me; procuro-te  
Em delírio afanoso.  
Fatídico poder entre nós ambos  
Ergueu alta barreira;  
Ele te enlaça e prende... mal resistes...  
Cedes enfim...acordo!

Acordo do meu sonho tormentoso,  
E choro o meu sonhar!  
E fecho os olhos, e de novo intento  
O sonho reatar.  
Embalde! porque a vida me tem preso;  
E eu sou escravo seu!  
Acordado ou dormindo, é triste a vida  
Dês que o amor se perdeu.  
Há contudo prazer em nos lembrarmos  
Da passada ventura,  
Como o que educa flores vicejantes  
Em triste sepultura.

## EPICÉDIO

*Passa la bella donna e par che dorma.*  
— Tasso

Seu rosto pálido e belo  
Já não tem vida nem cor!  
Sobre ele a morte descansa,  
Envolta em baço palor.

Cerraram-se olhos tão puros,  
Que tinham tanto fulgor;  
Coração que tanto amava  
Já hoje não sente amor;

Que o anjo belo da morte  
A par desse anjo baixou!  
Trocaram brandas palavras,  
Que Deus somente escutou.

Ventura, prazer, ledice  
Duma outra vida contou;  
E o anjo puro da terra  
Prazer da terra enjeitou.

Depois co'as asas candentes  
O formoso anjo do céu  
Roçou-lhe a face mimosa,  
Cobriu-lhe o rosto co'um véu.

Depois o corpo engraçado  
Deixou à terra sem vida,  
De ténue palor coberto,  
— Verniz de estátua esquecida.

E bela assim, como um lírio  
Murcho da sesta ao ardor,  
Teve a inocência dos anjos,  
Tendo o viver duma flor.

Foi breve! — mas a desgraça  
A testa não lhe enrugou,  
E aos pés do Deus que a criou  
Alma inda virgem levou.

Sai da larva a borboleta,  
Sai da rocha o diamante,  
De um cadáver mudo e frio  
Sai uma alma radiante.

Não choremos essa morte,  
Não choremos casos tais;  
Quando a terra perde um justo,  
Conta um anjo o céu de mais.

### SOFRIMENTO

Meu Deus, Senhor meu Deus, o que há no mundo  
Que não seja sofrer?  
O homem nasce, e vive um só instante,  
E sofre até morrer!

A flor ao menos, nesse breve espaço  
Do seu doce viver,  
Encanta os ares com celeste aroma,  
Querida até morrer.

É breve o romper d'alva, mas ao menos  
Traz consigo prazer;  
E o homem nasce e vive um só instante:

E sofre até morrer!

Meu peito de gemer já está cansado,  
Meus olhos de chorar;  
E eu sofro ainda, e já não posso alívio  
Sequer no pranto achar!

Já farto de viver, em meia vida,  
Quebrado pela dor,  
Meus anos hei passado, uns após outros,  
Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,  
Que nunca pude achar,  
Que em balde procurei, na flor, na planta,  
No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu? — Pálido espectro,  
Que da campa fugiu;  
Flor ceifada em botão; imagem triste  
De um ente que existiu...

Não escutes, meu Deus, esta blasfêmia;  
Perdão, Senhor, perdão!  
Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto  
Bater-me o coração.

Quando roja meu corpo sobre a terra,  
Quando me aflige a dor,  
Minha alma aos céus se eleva, como o incenso,  
Como o aroma da flor.

E eu bendigo o teu nome eterno e santo,  
Bendigo a minha dor,  
Que vai além da terra aos céus infintos  
Prender-me ao criador.

Bendigo o nome teu, que uma outra vida  
Me fez descortinar,  
Uma outra vida, onde não há só trevas,  
E nem há só penar.

## VISÕES

### I - Prodígio

Naquele instante em que vacila a mente  
Do sono ao despertar, quando pejada  
Vem doutros mundos de visões etéreas;  
Quando sobre a manhã surge brilhante



A luz da madrugada, — eu vi!... nem sonhos  
Era a minha visão, real não era;  
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe?  
Foi capricho falaz da fantasia,  
Ou foi certo aventar d'eras venturas?

A ira do Senhor baixou tremenda  
Sobre uma vasta capital! - em pedra  
Tornou-se a gente impura. Muitos homens  
Às portas férreas, largas, vi sentados.  
Melhor do que um pintor ou estatuário  
A morte, que de súbito os colhera  
No ardor, no afã da vida, conservou-lhes  
A ação — partida em meio, com tal força,  
Que a mente seu malgrado a completava.  
Um tinha os lábios entreabertos; outro  
Parecia sorrir; mais longe aquele  
Derramava um segredo, baixo, a medo,  
Nos ouvidos do amigo; austero o guarda  
Com rosto carregado e barba hirsuta,  
Nas mãos calosas sopesava a lança.  
Dos mercadores na comprida rua  
Passavam muitos compradores; — este  
Contava montes d'oiro; — à luz aquele  
Expunha a seda do Indostão, de Tiro  
A púrpura brilhante, a damasquina  
Custosa tela entretecida d'oiro.  
Cortês sorrindo, o mercador gabava  
As cores vivas, o tecido, o corpo  
Do estofo que vendia. Nos serralhos  
Era o Eunuco imperfeito; das Mesquitas  
Bradava à prece o Muezim...  
— Num largo,  
Fofa e vasto divã sentado, um velho  
Os versos lia do Alcorão; — só ele  
Dentre tanto punir ficara ileso.

## II — A Cruz

Era um templo d'arábica estrutura,  
Majestoso, elegante; — além das nuvens  
Se entranhava nos céus subtil a agulha;  
Sobre o zimbório retumbante e vasto  
Ondas e ondas de vapor cresciam.  
Dentro corriam três compridas naves  
Sobre dois renques de colunas, onde  
Baixos-relevos da sagrada história  
Da base ao capitel se emaranhavam.  
Ardia a luz na lâmpada sagrada;  
No sagrado instrumento o som dormia.

Junto à cruz — da fachada egrégia pompa —  
Muitos homens eu vi de torvo aspecto;  
Muitos outros, servis, com mão armada  
Profundos golpes entalhavam nela.  
Um daqueles no entanto assim falava:

"Quando esta humilde cruz rojar por terra,  
"Levando a crença de Jesus consigo,  
"Nós outros, da verdade Sacerdotes,  
"Nós Doutores do mundo, nós Luzeiros  
"Que desvendamos a impostura, o erro,  
"A mentira sagaz, a crença louca,  
"Entrada fácil da razão no templo  
"Teremos todos, e de então no trono,  
"Do néscio vulgo imparciais sob'ranos,  
"Santos juizes da verdade santa,  
"Pregaremos o justo, a paz, concórdia  
"E os seus deveres que dimanam fáceis  
"Do amor do lucro e do interesse; todos  
"- Vassallos da razão, nossos vassallos -  
"Um éden terreal farão do mundo."

No entanto aos crebros golpes do machado  
A cruz pendia oblíqua sobre a terra.  
Criando novas forças com tal vista,  
Os operários mais freqüentes golpes  
Repetem, vibram, continuam; — soa  
Por toda a parte o eco, — o som, mais longe,  
Retumba, morre — e novamente ecoa.  
Nisto a cruz — geme — estrala; um grito sobe  
Unísono e geral! . . .  
Como sois grande,  
Senhor, Senhor meu Deus? — Eu vi, morrendo,  
Os obreiros cair; e a cruz erguer-se,  
Como aos raios do sol a flor mimosa  
Que a raiva do tufão vergara insana.

### III - Passamento

Era um quarto espaçoso; — ali se viam  
Rojar no pavimento, há pouco, as sedas,  
Ricos tapetes multicolor bordados,  
E franjas complicadas dum céu d'oiro  
Pendentes, — vastos rases narradores  
De lenda pia ou de briosos feitos.  
Mas de tanto luzir, de tanto ornato  
Ora por mãos avaras depredado  
O vasto d'área revelava aos olhos,  
Tendo num canto escuro um leito apenas.  
Do leito alguém rasgara o cortinado.  
E da curva armação polida e bela

Aqui, ali, pendia a seda em fios,  
Bem como tranças de mulher formosa  
Por sobre o seio nu. — Ali no leito  
Jazia um moribundo; em torno os olhos  
Cheios de pasmo e de terror volvia,  
Bebendo pelos sôfregos ouvidos  
Mal sentido rumor doutro aposento.  
Confusas vozes, altercar ruidoso,  
E o tinir de metal ouvia apenas!  
Então por vezes três no leito aflito  
Erguer-se maquinou de raiva insano!  
Por três vezes caiu, gemendo, sobre  
O leito que da queda se sentia.

Da morte o cru torpor nos membros frios  
Pouco e pouco s'espalha; mas teimoso  
Da vida o amor debate-se nas ânsias  
Desse passo fatal. . .  
— Eis nisto à porta  
Um Padre assoma, — dentre as mãos erguidas  
Da hóstia santa resplendor luzia;

E palavras de paz, de amor, divinas,  
Que nos lábios do justo Deus entorna,  
Abundantes soltava. Longos anos  
De piedoso sofrer o corpo enfermo  
Alquebraram por fim: as cãs nevadas  
Raras tremiam sobre a testa, como  
Tremia na garganta a voz cansada.

Dizia o bom do velho: — "Irmão, nas ânsias,  
"No extremo agonizar da morte amiga  
"Ergue os olhos ao céu; — do céu te venha  
"Esse divino amor, que só lá morri,  
"Que filtra por nossa alma, que nos deixa  
"Mais celeste prazer, mais doce arroubo,  
"Do que a terra sói dar...  
"Infames, tredos,  
"Bufarinheiros de palavras, corvos  
"De negro, feio agoiro, que esvoaçam  
"Com grito grasnador por sobre o campo,  
"Onde a peleja de reinar começa;  
"Dizes-me tu — a mim! a mim que ao foro  
"Caminho inda hoje entre alas de clientes,  
"Que só me visto de veludo e d'oiro,  
"Enquanto vives de burel coberto,  
"Co'os lábios sobre o pó mordendo a terra!  
"Dizes-me tu a mim!..."  
Ergueu-se, o corpo  
Caiu de fraco sobre o leito; o velho

No entanto humilde orava, que alma santa  
Do mal cabido insulto não se ofende.

Jeová, que entre miríades  
Vives de estrelas formosas,  
Que das flores melindrosas  
Da terra — os anjos formaste;  
Jeová, que pela água  
Lustrar quiseste o Messias,  
Que ao beato, ao santo Elias  
Nas chamas purificaste;  
Jeová, que a mente apuras  
No fogo do sofrimento,  
Que divino alto portento  
Deste fazer à Moisés,  
Quando a negra rocha dura  
Tocando co'a tênue vara,  
Rebentou a linfa clara.  
Lambendo-lhe mansa os pés:

Jeová, que eterno existes,  
Cujo ser em si se encerra,  
Que formaste o céu e a terra,  
Que te chamas — o que é,  
— Faz, Senhor d'altos prodígios,  
Com que a mente empedernida  
Não se aparte desta vida  
Sem sentir a santa fé.

E tu, Cristo, que sofreste  
Martírios por nosso amor,  
Tu que foste o Salvador,  
Salva-o, Senhor, por quem és.  
Dá que em palavras piedosas  
Se derrame contristado,  
Como o rochedo tocado  
Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento  
Crescia mais e mais. — Do moribundo  
Os cúpidos herdeiros dividiam  
Por si a vasta herança; os torvos olhos  
lam de rosto a rosto, fuzilando  
Ameaças de morte.

No entanto o velho exânime e sem forças  
Curtia amargos transes, que avarento,  
E tendo a vida inútil presa a terra  
Com toda a força d'alma, — agora em ânsias  
Sentia o hálito vital fugir-lhe,

E a terra abandoná-lo.

Estua-lhe a dor no peito aflito! . .  
Só não chorava, que do pranto a fonte  
Jazia extinta; mas pensava triste:  
— Não tinha alguém que lhe cerrasse os olhos  
Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo  
Do extremo agonizar

E a mente, já medrosa, em feio quadro  
lhe pintava os seus feitos: — A vingança,  
Que tão grande prazer lhe tinha sido,  
Ora em martírios se tornava; a chusma  
Dos homicídios seus crescia torva,  
E no leito o cercava.

Crença infantil! dizia; loucos, cegos  
Prejuízos do vulgo; — assim dizendo  
Os vãos fantasmas repelir buscava.  
Mas a crença infantil, os prejuízos  
Do néscio vulgo, ríspidos tornavam,  
Como inseto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos.  
Sobre os olhos debalde as mãos cruzava,  
Que as sombras nos ouvidos lhe falavam,  
E mais distintas se pintavam n'alma  
— Tão bem molesta, qual se pinta o corpo  
Do espelho no polido.

E do seu passamento o caso infando  
Narrava uma após outra, sobre o peito  
Mostrando o golpe fúnebre e cruento;  
Sorvendo o fel da taça amarga o enfermo  
Parecia sorrir!... era qual louco  
Que sofre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja  
De sobre o leito delirante; as sombras  
Voam sobre ele, e em círculo se ordenam.  
O moribundo a esta, a aquela, a todas  
Volve o pávido rosto, no mover-se  
Progressivo, incessante.

E preso ao duro embate da vertigem,  
As mestas sombras ao redor com ele  
Fugir sentia; o pavimento, a casa  
Rápido rodava; a terra e tudo,  
Como aos soluços dum vulcão tremendo,  
As forças lhe tolhiam.

E o orgulhoso que feliz vivera,  
Movendo a seu bom grado mil escravos,  
Querendo a terra dominar co'um gesto,  
Ora mesquinho, solitário e louco,  
Face a face, lutando com seus crimes,  
Morria impenitente.

IV

Era o vulto de um homem morto que afastando o sudário se ia  
erguer do túmulo para revelar alguns dos temerosos mistérios,  
que encerra a aparente quietação dos sepulcros.

— O Presbítero

O negrume da noite avulta; e cresce  
Mais feia a escuridão  
À luz da sacra pira que derrama  
Frouxo e tíbio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo;  
Apenas fraco soa  
Da torre o bronze, que a noturna brisa  
De rumores povoa.

Mas eis que de um sepulcro a pedra fria  
S'ergue e sobre outras cai.  
Não se escuta rumor! — da campa livre  
Medroso espectro sai.

O rosto ossificado em tomo volve,  
Volve a suja caveira;  
Do liso crânio os longos dedos varrem  
A fúnebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via  
Do peito nas cavernas,  
Inda sangrento lágrimas chorava  
Do negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,  
Ao órgão se assentou!  
Já não dormem os sons, não dormem ecos...  
— O triste assim cantou:

"Onde estás, meu amor, meus encantos,  
Por quem só me pesava morrer,  
Doce encanto que a vida me prendes,  
Que inda em morto me fazes sofrer?  
"Doce amor, minha vida no mundo,  
Desse mundo em que parte serás;  
Em que cismas, que pensas, que fazes,  
Onde estás, meu amor, onde estás?"

Ah! de balde na campa gelada,  
Fria morte me pôde deitar!  
Foi de balde, — que eu sinto, que eu ardo;  
Foi de balde, — que eu amo a penar.

"Ah! se eu triste no mundo pudesse  
Como outrora viver, respirar...  
Não soubera dizer-te os ardores  
Que o sepulcro não pode apagar.

"Onde estás? — Já da morte o bafejo  
Por teu rosto divino roçou;  
Já na campa descansas finada,  
Que o teu corpo sem vida tragou?

"Mas a morte não pode impiedosa  
Crua foice vibrar contra til  
Ah! tu vives, que eu sinto, que eu sofro  
Crus ardores quais sempre sofri.

"E eu não posso o teu nome à noitinha  
Entre as folhas saudoso cantar,  
Nem seguir-te nas asas da brisa,  
Nem teu sono de sonhos doirar.

"Nem lembrar-te os queridos instantes  
Que a teu lado arroubado passei,  
Sem cuidados de incerto futuro,  
Só ruidoso da vida que amei.

"Não te lembras da noite homicida  
Em que um ferro meu peito varou,  
Quando a fácil conversa de amores  
Teu marido cioso quebrou?!

"Desde então hei penado sozinho,  
Verte sangue meu peito — de então;  
Pode a morte acabar-me a existência,  
Mas delir-me não pode a paixão!

"Nosso adúltero afeto no mundo  
Não se acaba; — assim quis o Senhor!  
Não se acaba... — qu'importa? — hei gozado  
Teus encantos gentis, teu amor.

"Por te amar outras fráguas sofrera,  
Outros transes e dor e penar;  
Oh! poder que eu pudesse outra vida  
E outro inferno sofrer por te amar!"

Mas da aurora já raiava  
Macio e brando clarão;  
Macia e branda a canção  
Do negro espectro soava.

E medroso se colava  
Ao órgão seu negro véu,  
Que inimiga não se ajuntava  
Ao seu vulto a luz do céu.

Pouco a pouco se perdia  
O negro espectro; a canção  
Pouco a pouco enfraquecia:  
Do dia ao ténue clarão,

Era o cantar um sóido  
Fraco, incerto e duvidoso;  
Era o vulto pavoroso  
Duma sombra vão tremido.

V - A Morte

*Dans sa doileur elle se trouvail  
malheurese d'être immortelle.*

— Fénelon

Da aurora vinha nascendo  
O grato e belo clarão;  
Eu sonhava! já mais brandos  
Eram meus sonhos então.

Condensou-se o ar num ponto,  
Cresceu o subtil vapor;  
Vi formada uma beleza,  
Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto  
Não se pintava o carmim;  
Tinha um quê de cera junto '  
À nitidez do marfim.

— "Quem és tu, visão celeste,  
Belo Arcanjo do Senhor?"  
Respondeu-me: — "Sou a Morte,  
Cru fantasma de terror?"

— Ah lhe tornei: És a morte,  
Tão formosa e tão cruel!  
— Correndo o mundo sozinha  
No meu pálido corcel, —



Assim dizia — "Tu julgas  
Que não tenho coração,  
Que executo os meus deveres  
Sem pesar, sem aflição?

— Que inda em flor da vida arranco  
Ao jovem, sem compaixão,  
A donzela pudibunda  
Ou ao longevo ancião?

— Oh! não, que eu sofro martírios  
Do que faço ao mais sofrer,  
Sofro dor de que outros morrem,  
De que eu não posso morrer;

— Mas em parte a dor me cura  
Um pensamento, que é meu, —  
Lembro aos humanos que a terra  
É só passagem p'ra o céu.

— Faço ao triste erguer os olhos  
Para a celeste mansão;  
Em lábios que nunca oraram  
Derramo pia oração.

— É meu poder quem apura  
Os vícios que a mente encerra,  
Ao fogo da minha dor;  
Sou quem prendo aos céus a terra,

Sou quem ligo a criatura  
Ao ser do seu Criador.

— Mas qu'importa? Sem descanso  
É-me forçoso marchar,

Abater ímpias fronteiras,  
Régias fronteiras decepar.

— Passar ao través dos homens,  
Como um vento abrasador;

Como entre o feno maduro  
A foice do segador.

—E prostrar uma após outra  
Geração e geração,

Como peste que só reina  
Em meio da solidão." —  
Desponta o sol radioso  
Entre nuvens de carmim:

Cessa o canto pesaroso,  
Como corda áurea de Lira,  
Que se parte, que suspira  
Dando um gemido sem fim.

O VATE  
No Álbum de um Poeta

*Moi...j'aimerai la victoire;  
Pour mon coer, ami de toute gloire,  
Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.  
Poète, j'eus toujours un chanl pour les poètes,  
Et jamais le laurier qui pare d'autre têtes  
Ne jeta d'ombre sur mon front.*  
-- V. Hugo

Vate! Vate! que és tu? — Nos seus extremos  
Fadou-te Deus um coração de amores,  
Fadou-te uma alma acesa borbulhando  
Ardidos pensamentos, como a lava  
Que o gigante Vesúvio arroja às nuvens.

Vote! vote! que és tu? — Foste ao princípio  
Sacerdote e profeta;  
Eram nos céus teus cantos uma prece,  
Na terra um vaticínio.  
E ele cantava então: — Jeová me disse,  
Majestoso e terrível.

"Vês tu Jerusalém como orgulhosa  
"Campeã entre as nações, como no Líbano  
"Um cedro a cuja sombra a hissopo cresce?  
"Breve a minha ira transformada em raios  
"Sobre ela cairá;  
"Um fero vencedor dentro em seus muros  
"Tributária a fará;  
"E quando escravos seus filhos, sobre pedra  
"Pedra não ficará."

E os réprobos de saco se vestiam,  
Em pó, em cinza envoltos;  
E colando co'a terra os torpes lábios,  
E açoitando cu'as mãos o peito imbele,  
Senhor! Senhor! — clamavam.

E o vate entanto o pálido semblante  
Meditabundo sobre as mãos firmara,  
Suplicando ao Senhor do interno d'alma.  
Foram santos então. — Homero o mundo  
Criou segunda vez, — o inferno o Dante, —

Milton o paraíso, — foram grandes!

E hoje!... em nosso exílio erramos tristes,  
Mimosa esp'rança ao infeliz legando.  
Maldizendo a soberba, o crime, os vicio;  
E o infeliz se consola, e o grande treme.  
Damos ao infante aqui do pão que temos,  
E o manto além ao mísero raquítico:  
Somos hoje Cristãos.

À MORTE PREMATURA

Da Il.ma Sra. D.

(no Álbum de seu Irmão Da. J. D. Lisboa Serra)

*On dirait que le ciel aux coeurs plus magnanimes  
Measure plus de maux.*

— Lamartine

Perfeita formosura em tenra idade  
Qual flor, que antecipada foi colhida,  
Murchada está da mão da sorte dura.  
— Camões (soneto)

Lá, bem longe daqui, em tarde amena,  
Gozando a viração das frescas auras,  
Que do Brasil os bosques brandamente  
Faziam balançar, — e que espalhavam  
No éter encantado odor, pureza —  
Do que a rosa mais bela, — meiga e casta,  
Como as virgens do sol,  
Que de vezes não foi ela pendente  
Dos braços fraternais em meigo abraço;  
Como mimosa flor presa, enlaçada  
A tenro arbusto que a vergôntea débil  
Lhe ampara docemente...

E o Irmão que só nela se revia,  
O Irmão que a adorava, qual se adora  
Um mimo do Senhor;  
Que a tinha por farol, conforto e guia,  
Os seus dias contava por encantos;  
E as virtudes co'os dias pleiteavam.

E ela morreu no viço de seus anos!...  
E a laje fria e muda dos sepulcros  
Se fechou sobre o ente esmorecido  
Ao despontar de vida  
Tão rica de esperanças e tão cheia  
De formosura e graças!...

Campal campa! que de terror incutes!  
Quanto esse teu silêncio me horroriza!  
E quanto se assemelha a tua calma  
À do cruel malvado que impassível  
Contempla a sua vítima torcer-se  
Em convulsões horríveis, desp'radas;  
Cruas vascas da morte!...  
Quem tão má fé te criou?  
Tu que tragas o ente que esmorece  
Ao despontar de vida  
Tão rica de esperanças e tão cheia  
De formosura e graças?!

O farol se apagou? a luz sumiu-se!  
Como o fugaz clarão do meteoro,  
Extinguiu-se a esperança; e o malfadado  
Sobre a terra deserta em vão procura  
Traços dessa que amou, que tanto o amara,  
Da jovem companheira de seus brincos,  
Pesares e alegrias.

Ele a procurai... o viajor pasmado  
Nos campos de Pompéia, alonga a vista  
Pela amplidão do plano,  
Destroços e ruínas encontrando,  
Onde esperava movimento e vida.

Não poder eu a troco de meu sangue  
Poupar-te dessas lágrimas metade!  
Oh! poder que eu pudesse! — e almo sorriso.  
Que tanto me compraz ver-te nos lábios,  
Inda uma vez brilhasse!  
E essa existência,  
Que tão cara me é, da visse eu leda,  
E feliz como a vida dos Arcanjos!  
Infeliz é quem chora: ela finou-se,  
Porque os anjos à terra não pertencem:  
Mas lá dos imortais sobre os teus dias  
A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, cândidas rosas, açucenas,  
Vinde, roxas saudades;  
Orvalhai, tristes lágrimas, as c'roas,  
Que hão de a campa adornar por mim depostas  
Em holocausto à vítima da morte.  
Inocência, pudor, beleza e graça  
Com ela nessa campa adormeceram.  
Anjo no coração, anjo no rosto,  
Devera o amor chorar sobre o teu seio,  
Que não grinaldas fúnebres tecer-te;  
Devera voz d'esposo acalantar-te

O sono da inocência, - não grosseira  
Canção de trovador não conhecido.

Coimbra, junho de 1841.

### A MENDIGA

Donnez: —

*Et quand vous paraîtrez devant juge austère  
Vous direz: J'ai connu la pitié sur la terre,  
Je puis la demander aux cieux!*  
– Turquety

I

Eu sonhei durante a noite...  
Que triste foi meu sonhar!  
Era uma noite medonha,  
Sem estrelas, sem luar.

E ao través do manto escuro  
Das trevas, meus olhos viam  
Triste mendiga formosa,  
Qu'infórtúnios consumiam.

Era uma pobre mendiga,  
Porém, cândida donzela;  
Pudibunda, afável, doce,  
Amorosa, e casta, e bela.

Vestia rotos andrajos,  
Que o seu corpo mal cobriam;  
Por vergonha os olhos dela  
Sobre ela se não volviã.

Pelas costas descobertas  
Cortador o frio entrava;  
Tinha fome e sede, — e o pranto  
Nos seus olhos borbuhlava.

E qual vemos dos céus descendo rápido  
Um fugaz meteoro, vi descendo  
Um anjo do Senhor; — Parou sobre ela,  
E mudo a contemplava. — Uma tristeza  
Simpática, indizível pouco e pouco  
Do anjo nas feições se foi pintando:  
Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova  
Conhece enferrna e chora. — Ela no peito  
Menor sentiu a dor, e humilde orava.

II

De um vasto edifício nas frias escadas  
Eu vi-a sentada; — era um templo, diziam,  
Secreto concílio de sócios piedosos,  
Que o bem tinha juntos, que bem só faziam.

Defronte um palácio soberbo se erguia,  
E dele partia confuso rumor:  
— A dança girava, e a orquestra sonora  
Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palácio um conviva chegava,  
Rugindo se abria o ruidoso portão;  
Eflúvios de incenso nos ares corriam  
Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga ali 'stava ao relento,  
Com fome, com frio, com sede e com dor;  
E eu vi o seu anjo, mais triste no aspecto,  
Mais baço, mais turvo da glória o fulgor.

E à porta do vasto sombrio edifício  
Um vulto chegou.  
— Senhor, uma esmola! bradou-lhe a mendiga  
E o vulto parou.

E rude no acento, no aspecto severo,  
Lhe disse: — O teu nome?  
Tornou-lhe a mendiga: — Senhor, uma esmola,  
Que eu morro de fome.

— Não, dizes teu nome? lhe torna o soberbo  
— Sou órfã, sozinha;  
Meu nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,  
Se eu choro mesquinha!"

— Em vis meretrizes não cabe esse orgulho,  
Tornou-lhe o Senhor,  
Que à noite, nas trevas, contratam no crime,  
Vendendo o pudor.

E a porta do templo — erguido à piedade  
Com força batia;  
Co'o peso do insulto acrescido à crueza,  
A triste gemia.

III

Ouvi depois um rodar que a todo o instante  
Mais distinto se ouvia; e logo um forte,  
Fascinador clarão por toda a rua

Se derramou soberbo. — Infindos pajens  
Ricas librés trajando, mil archotes  
Nos ares revolviam; — fortes, rápidos,  
Fumegantes corcéis, sorvendo a terra,  
Tiravam rica sege melindrosa.  
Sobre a terra saltou airosa e bela  
A dona, em frente do festivo paço;  
E a mendiga bradou: — Senhora minha,  
Dai uma esmola, dai! — À voz dorida  
Volveu-se o rosto d'anjo, porém d'anjo  
Não era o coração; — foi-lhe importuno,  
Mais que importuno... da mesquinha o grito!  
E da mendiga o protetor celeste  
Parecia falar em favor dela;  
E a rica dona o escutava, como  
Se ouvisse a interna voz que dentro mora.

E eu dizia também — Ó bela Dona,  
Dai-lhe uma esmola, daí; — de que vos serve  
Um óbolo mesquinha, que não pode  
Sequer um dixe sem valor comprar-vos?  
Ah! bela como sois, que vos importam  
Custosas flores, com que ornais a fronte?  
Para a salvar do vórtice do crime,  
O preço delas, uma só, da coisa,  
Que sem valor julgardes, é bastante.  
Sabeis? — Além da vida, além da morte,  
Quando deixardes o ouropel na campa,  
Quando subirdes do Senhor ao trono,  
Sem andrajos sequer, também mendiga,  
Ali tereis as lágrimas do pobre,  
A bênção do afligido, a prece ardente  
Do que sofrendo vos bendisse, — ó Dona.  
Fechou-se a porta festival sobre ela!  
E a donzela se ergueu, corou de pejo,  
Lançando os olhos pela rua escusa,  
E segura no andar, e firme, à porta  
Do palácio bateu — entrou — sumiu-se.

E o anjo, como aflito sob um peso,  
Um gemido soltou; era uma nota  
Melancólica e triste, — era um suspiro  
Mavioso de virgem, — um sóido  
Subtil, mimoso, como d'Harpa Eólia,  
Que a brisa da manhã roçou medrosa.

#### IV

Dos muros ao través meus olhos viram  
Soberba roda de convivas, — todos  
Veludos, sedas, e custosas galas

Trajavam senhoris. — Reinava o jogo  
Avaro e grave, leda e viva a dança  
Em vórtices girava, a orquestra doce  
Cantava oculta; condensados, bastos,  
Em redor do banquete estavam muitos.  
A mendiga ali estava, — não trajando  
Sujos farrapos, mas delgadas telas.  
Choviam brindes e canções e vivas

À Deusa airosa do banquete; todos  
Um volver dos seus olhos, um sorriso,  
Uma voz de ternura, um mimo, um gesto  
Cobiçavam rivais; — e ali com ela,  
Como um raio do sol por entre as nuvens  
Lá na quadra hibernal penetra a custo  
Quase sem vida, sem calor, sem força,  
Menos brilhante vi seu anjo belo.  
Nos curtos lábios da feliz mendiga  
Passava rápido um sorriso às vezes;  
Outras chorava, no volver do rosto,  
Na taça do prazer sorvendo o pranto.  
Encontradas paixões sentia o anjo:  
Parecia chorar co'o seu sorriso,  
Parecia sorrir co'o choro dela.

#### A ESCRAVA

*O bien qu'aucun bien ne peut rendre!  
Patrie! doux nom que l'exil fait comprendre!*  
— Marino Faliero

Oh! doce país de Congo  
Doces terras d'além-mar!  
Oh! dias de sol formoso!  
Oh! noites d'almo luar!

Desertos de branca areia  
De vasta, imensa extensão,  
Onde livre corre a mente,  
Livre bate o coração!

Onde a leda caravana  
Rasga o caminho passando,  
Onde bem longe se escuta  
As vozes que vão cantando!

Onde longe inda se avista  
O turbante muçulmano,  
O latagã recurvado,  
Preso à cinta do Africano!



Onde o sol na areia ardente  
Se espelha, como no mar;  
Oh! doces terras de Congo,  
Doces terras d'além-mar!

Quando a noite sobre a terra  
Desenrolava o seu véu,  
Quando sequer uma estrela  
Não se pintava no céu;

Quando só se ouvia o sopro  
De mansa brisa fagueira,  
Eu o aguardava — sentada  
Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,  
Dele à base uma corrente  
Despenhada sobre pedras,  
Murmurava docemente.

E ele às vezes me dizia:  
— Minha Alsgá, não tenhas medo;  
Vem comigo, vem sentar-te  
Sobre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa:  
— Irei contigo. onde fores! —  
E tremendo e palpitando  
Me cingia aos meus amores.

Ele depois me tornava  
Sobre o rochedo — sorrindo.  
— As águas desta corrente  
Não vês como vão fugindo?

Tão depressa corre a vida,  
Minha Alsgá; depois morrer  
Só nos resta!... — Pois a vida  
Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno volves  
Espantados — Ah! também  
Arfa o teu peito ansiado!...  
Acaso temes alguém?

Não receies de ser vista,  
Tudo agora jaz dormente;  
Minha voz mesmo se perde  
No fragor desta corrente.

Minha Alsgá, porque estremecees?  
Porque me foges assim?  
Não te partas, não me fujas,  
Que a vida me fogue a mim!

Outro beijo acaso temes,  
Expressão de amor ardente?  
Quem o ouviu? — o som perdeu-se  
No fragor desta corrente.

Assim praticando amigos  
A aurora nos vinha achar!  
Oh! doces terras de Congo,  
Doces terras d'além-mar!

Do ríspido senhor a voz irada  
Rábida soa,  
Sem o pranto enxugar a triste escrava  
Pávida voa.

Mas era em mora por cismar na terra,  
Onde nascera,  
Onde vivera tão ditosa, e onde  
Morrer devera!

Sofreu tormentos, porque tinha um peito,  
Qu'inda sentia;  
Mísera escrava! no sofrer cruento.  
Congo! dizia.

Ao Dr. João Duarte Lisboa Serra

23 agosto.

Mais um pungir de acérrima saudade,  
Mais um canto de lágrimas ardentes,  
Oh! minha Harpa, — oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meu amigo: da minha alma  
Foi uma lira outrora o instrumento;  
Cantava nela amor, prazer, venturas,  
Até que um dia a morte inexorável  
Triste pranto de irmão veio arrancar-te!

As lágrimas dos olhos me caíram,  
E a minha lira emudeceu de mágoa!  
Então aventei eu que a vida inteira  
Do bardo, era um perene sacerdócio  
De lágrimas e dor; — tomei uma Harpa:  
Na corda da aflição gemeu minha alma,

Foi meu primeiro canto um epicéδιο!  
Minha alma batizou-se em pranto amargo,  
Na frágua do sofrer purificou-se!

Lancei depois meus olhos sobre o mundo,  
Cantor do sofrimento e da amargura;  
E vi que a dor aos homens circundava,  
Como em roda da terra o mar se estreita;  
Que apenas desfrutamos, — miserandos!  
Desbotado prazer entre mil dores,  
- Uma rosa entre espinhos aguçados,  
Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deus o meu esp'rito,  
E a minha voz queixosa perguntou-lhe:  
— Senhor, porque do nada me tiraste,  
Ou por que a tua voz onipotente  
Não fez secar da minha vida a sebe,  
Quando eu era principio e feto — apenas?

Outra voz respondeu-me dentro d'alma:  
— Ardam teus dias como o feno, — ou durem  
Como o fogo de tocha resinosa,  
— Como rosa em jardim sejam brilhantes,  
Ou baços como o cardo montesinho.  
Não deixes de cantar, ó triste bardo. —  
E as cordas da minha harpa — da primeira  
À extrema — da maior à mais pequena,  
Nas asas do tufão — entre perfumes,  
Um cântico de amores exaltaram  
Ao trono do Senhor; — e eu disse às turbas:  
— Ele nos faz gemer porque nos ama;  
Vem o perdão nas lágrimas contritas,

Nas asas do sofrer desce a demência;  
Sobre quem chora mais ele mais vela!  
Seu amor divinal é como a lâmpada,  
Na abóbada dum templo pendurada,  
Mais luz filtrando em mais opacas trevas.  
Eu o conheço: — o cântico do bardo  
É bálsamo ao que morre, — é lenitivo,  
Mas doloroso, mas funéreo e triste  
A quem lhe carpe infausto a morte crua.  
Mas quando a alma do justo, espedaçando  
O invólucro de lodo, aos céus remonta,  
Como estrada de luz correndo os astros,  
Seguindo o som dos cânticos dos anjos  
Que na presença do Senhor se elevam;  
Choro... tão bem Jesus chorou a Lázaro!  
Mas na excelsa visão que se me antolha

Bebo consolações, — minha alma anseia  
A hora em que também há de asilar-se  
No seio imenso do perdão do Eterno.

Chora, amigo: porém quando sentires  
O pranto nos teus olhos condensar-se,  
Que já não pode mais banhar-te as faces,  
Ergue os olhos ao céu, onde a luz mora,  
Onde o orvalho se cria, onde parece  
Que a tímida esperança nasce e habita.  
E se eu — feliz! — puder inda algum dia  
Ferir por teu respeito na minha harpa  
A leda corda onde o prazer palpita,  
A corda do prazer que ainda inteira,  
Que virgem de emoção inda conservo,  
Suspenderei minha harpa dalgum tronco  
Em of'renda à fortuna; — ali sozinha,  
Tangida pelo sopro só do vento,  
Há de mistérios conversar co'a noite.  
De acorde estreme perfumando as brisas:  
Qual Harpa de Sião presa aos salgueiros  
Que não há de cantar a desventura,  
Tendo cantos gentis vibrado nela.

#### O DESTERRO DE UM POBRE VELHO

*Et dulces moriens reminiscitur Argos.*

-- Virgílio

*O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweint*

-- Schiller

A aurora vem despontando,  
Não tarda o sol a raiar:  
Cantam aves, — a natura  
Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia  
Onda queixosa murmura,  
Bem mansa aragem fagueira  
Entre a folhagem sussurra.

É hora cheia de encantos,  
E hora cheia de amor;  
A relva brilha enfeitada,  
Mais fresca se mostra a flor.

Esbelta joga a fragata,  
Como um corcel a nitrir;  
Suspensa a amarra tem presa,

Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,  
Leve barco vem vogando;  
Nele um velho cujas faces  
Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,  
Que chorava,  
Por assim deixar seus lares,  
Que deixava?

"Ancião, por que te ausentas?  
Corres tu trás de ventura?  
Louco! a morte já vem perto.  
Tens aberta a sepultura.

"Louco velho, já não sentes  
Bater frouxo o coração? .  
Oh! que o sente! — É lei d'exílio  
A que o leva em tal sação!

"Não ver mais a cara pátria,  
Não ver mais o que deixava,  
Não ver nem filhos, nem filhas,  
Nem o casal, que habitava!...

"Oh! que é má pena de morte,  
A pena de proscricção;  
Traz dores que martirizam,  
Negra dor de coração!

"Pobre velho! — longe, longe  
Vás sustento mendigar;  
Tens de sofrer novas dores,  
Novos males que penar.

"Não t'há de valer a idade,  
Nem a dor tamanho e nobre;  
Tens de tragar vis afrontas,  
— Insultos que sofre o pobre!

"Nada acharás no degredo,  
Que fale dos filhos teus;  
Ninguém sente a dor do pobre...  
Só te fica a mão de Deus.

"O sol, que além vês raiando  
Entre nuvens de carmim,  
Noutros climas, noutras terras

Não verás raiar assim.

"Não verás a rocha erguida,  
Onde t'ias assentar;  
Nem o som bem conhecido  
Do teu sino há de escutar.

"Há de cair sobre as ondas  
O pranto do teu sofrer,  
E nesse abismo salgado,  
Salgado se há de perder."

Já chegou junto à fragata,  
Já na escada de apoiou,  
Já com voz intercortada  
Último adeus soluçou.

Canta o nauta, e solta as velas  
Ao vento que o vai guiar;  
E a fragata mui veleira  
Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silêncio  
A calva testa dobrou,  
E pranto mais abundante  
O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela  
Do navio, que partiu;  
Mais além — inda se avista!  
Mais além — já se sumiu!

### O ORGULHOSO

Eu o vi! — tremendo era no gesto,  
Terrível seu olhar;  
E o cenho carregado pretendia  
O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito  
Fervia-lhe o rancor!  
E aos demais homens, como um cedro à relva,  
Se cria sup'rior.

E o pobre agricultor, junto a seus filhos,  
Dentro do humilde lar,  
Quisera, antes que os dele, ver um Tigre  
Os olhos fuzilar:

Que a um filho seu talvez quisera o nobre

Para um Executor;  
Ou para o leito infesto alguma filha  
Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas  
Algum pobre ancião  
Já sobre o seu sepulcro, desejando  
A morte e a salvação.

Alguns dias apenas decorreram;  
E eis que ele se sumiu!  
E a laje dos sepulcros fria e muda  
Sobre ele já caiu.

E o bárbaro tropel dos que o serviam  
Exulta com seu fim!  
E a turba aplaude; e ninguém chora a morte  
De homem tão ruim.

#### O COMETA

Ao Sr. Francisco Sotero dos Reis

*Non est potestas, quae comparetur ei qui  
factus est ut nullum timeret.*

-- Job

Eis nos céus rutilando ígneo cometa!  
A imensa cabeleira o espaço alastra,  
E o núcleo, como um sol tingido em sangue,  
Alvacento luzir verte agoireiro  
Sobre a pávida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,  
Dos lábios removei a taça ingente,  
Que em vossas festas gira; eis que rutila  
O sangüíneo cometa em céus infindos!...  
Pobres mortais, — sois vermes!

O Senhor o formou terrível, grande;  
Como indócil corcel que morde o freio,  
Retinha-o só a mão do Onipotente.  
Ao fim lhe disse: — Vai, Senhor dos Mundos,  
Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em fúria,  
Que ao vento solta a coma desgrenhada,  
E vai, néscio de si, livre de ferros,  
De encontro às duras rochas, — tal progride  
O cometa incansável.

Se na marcha veloz encontra um mundo,  
O mundo em mil pedaços se converte;  
Mil centelhas de luz brilham no espaço  
A esmo, como um tronco pelas vagas  
Infrenes combatido.

Se junto doutro mundo acaso passa,  
Consigo o arrasta e leva transformado;  
A cauda portentosa o enlaça e prende,  
E o astro vai com ele, como argueiro  
Em turbilhão levado.

Como Leviatã perturba os mares,  
Ele perturba o espaço; — como a lava,  
Ele marcha incessante e sempre; — eterno,  
Marcou-lhe largo giro a lei que o rege,  
— Às vezes o infinito.

Ele carece então da eternidade!  
E aos homens diz — e majestoso e grande  
Que jamais o verão; e passa, e longe  
Se entranha em céus sem fim, como se perde  
Um barco no horizonte!

## O OIRO

Oiro, — poder, encanto ou maravilha  
Da nossa idade, — regedor da terra,  
Que dás honra e valor, virtude e força,  
Que tens ofertas, oblações e altares, —  
Embora teu louvor cante na lira  
Vendido Menestrel que pôde insano  
Do grande à porta renegar seu gênio!  
Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,  
Com pouco vivo; — sobre a terra, à noite,  
Meu corpo lanço, descansando a fronte  
Num tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.  
Sou mais que um rei co'o meu dossel de nuvens  
Que tem gravados cintilantes mundos!  
Com a vista no céu percorro os astros.  
Vagueia a minha mente além das nuvens,  
Vagueia o meu pensar — alto, arrojado  
Além de quanto o olhar nos céus alcança.

Então do meu Senhor me calam n'alma  
D'amor ardente enlevos indizíveis;  
Se tento às gentes redizer seu nome,  
Queimadoras palavras se atropelam  
Nos meus lábios; — profética harmonia  
Meu peito anseia, e em borbotões se expande.



Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes  
Teus prodígios, teu poder imenso:  
O pai ao filho o diz, um sec'lo a outro,  
A terra ao céu, o tempo à eternidade!

Do mundo as ilusões, vaidade, engano.  
Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —  
Tudo esse nome arrasta, prostra e some;  
Como aos raios do sol desfeito o gelo,  
Que em ondas corre no pendor do monte,  
Precípite e ruidoso, — arbustos, troncos  
Consigo no passar rompidos leva.

#### A UM MENINO

Oferecida à exma. Sra. D. M. L. L. V.

##### I

Gentil, engraçado infante  
Nos teus jogos inconstante,  
Que tens tão belo semblante,  
Que vives sempre a brincar,  
— Dos teus brinquedos te esqueces  
À noitinha, — e te entristeces  
Como a bonina, — e adormeces,  
Adormeces a sonhar!

##### II

Infante, serão as cores  
De várias, viçosas flores,  
Ou são da aurora os fulgores  
Que vem teus sonhos doirar?  
Foi de algum ente celeste,  
Que de luzeiros se veste,  
Ou da brisa é que aprendeste,  
Que aprendeste a suspirar?

##### III

Tens no rosto afogueado  
Um qual retrato acabado  
De um sentir aventurado,  
Que te ri no coração;  
É talvez a voz mimosa  
De uma fada caprichosa,  
Que te promete amorosa,  
Algum brilhante condão!

##### IV

Ou por ventura és contente,  
Porque no sonho, que mente,  
Fantasiaste inocente

Algum dos brinquedos teus!...  
Senhor, tens bondade infinda!  
Fizeste a aurora bem linda,  
Criaste na vida ainda  
Um'outra aurora dos céus.

V

O som da corrente pura,  
A folhagem que sussurra,  
Um acento de ternura,  
De ternura divinal;  
A indizível harmonia  
Dos astros no fim do dia,  
A voz que Mêmnon dizia,  
Que dizia matinal;

VI

Nada disto tem o encanto,  
Nada disto pode tanto  
Como o risonho quebranto,  
Divino — do seu dormir:  
Que nada há como a Donzela  
Pensativa, doce e bela,  
E a comparar-se com ela...  
Só de um infante o sorrir.

VII

Mas de repente chorando  
Despertas do sono brando  
Assustado e soluçando...  
Foi uma revelação!  
Esta vida acerba e dura  
Por um dia de ventura  
Dá-nos anos de amargura  
E fráguas do coração.

VIII

Só aquele que da morte  
Sofreu o terrível corte,  
Não tem dores que suporte,  
Nem sonhos o acordarão:  
Gentil infante, engraçado,  
Que vives tão sem cuidado,  
Serás homem — mal pecado!  
Findará teu sonho então.

MISERRIMUS

Quando o inverno chegou, — por sobre a terra  
O robe secular espalha a coma,

Que o rábido tufão cortou de morte.  
Despida e nua jaz a flor mimosa,  
Agora hástea somente; e o sol brilhante  
Despede a custo a luz que mal penetra  
As nuvens trovejadas que o circundam.

Mas o inverno passou! — De novo assume  
Virente rama o robe gigantesco,  
A flor formosa e bela vem brotando,  
E o sol, rei do horizonte, já rutila  
Em céu de puro azul-brilhante.

Mas quando o desengano, qual tormenta  
Que por desertos só valente reina,  
Do quente coração arranca, esmaga  
Esp'ranças, que o amor enfeitiçava,  
Em vão a natureza ufana brilha,  
Em vão de puro orvalho a flor se arreja,  
Em vão dardeja o sol seus quentes raios,  
Em vão!... que o coração jaz frio e murcho.  
E não mais viverá! — que a alma sentida  
Conhece que o amor é só mentira,  
Que é mentira o prazer, mentira tudo!

Um dia apareceu um recém-nado,  
Como a concha que o mar à praia arroja,  
Cresceu; — qual cresce a planta em terra inculta  
Que ninguém educou; — a chuva apenas.  
Infante — viu de roda sepulturas,  
Em que não atentou; — sonhos mimosos,  
Acordado ou dormindo, lhe doiravam  
A infância leve, d'innocência rica.  
Viu belo o ar, e terra, e céus, e mares,  
Viu bela a natureza, como a noiva  
Sorrindo em breve dia de noivado!  
Então sentiu brotarem na sua alma  
Sonhos de puro amor, sonhos de glória;  
Sentiu no peito um mundo de esperanças,  
Sentiu a força em si — patente o mundo.

Forte se levantou! correu fogo,  
E qual águia que nas asas se equilibra,  
Começou a trilhar da vida a senda.  
Um monte além topou; mais vagaroso  
Subiu, — vingou mais lento! — Inda mais outro  
Colossal — descalvado — íngreme e liso,  
Costeou, mas cansou, que era sozinho!  
Sentou-se, e mudo, e fraco, é pensativo,  
À borda do caminho; e sobre o peito  
A cabeça inclinou, cruzando os braços.

Minha mãe! — soluçou; e um eco ao longe  
Minha mãe! — respondeu. — Sentiu que a fome  
Dolorosa as entranhas lhe apertava,  
E sede intensa a ressequir-lhe as fauces;  
Fome e sede curtiu como num sonho.  
Do rosto nas maçãs descoloridas  
— Filtro do coração — sentiu que o pranto  
Ardente escorregava a tez queimando.  
Muda era a sua dor, — d'homem que sofre,  
Que chora isento de vergonha ou crime.

Encontrou mais além no seu caminho,  
Bela na sua dor, sozinha e fraca,  
Figura virginal que ali jazia.  
Esqueceu-se de si pensando nela;  
Nova força criou, — novo incentivo,  
Coragem nova o seu amor criou-lhe.  
Lavou-lhe os curtos pés, contra o seu peito  
Do frio a protegeu, — tomou nos braços  
A carga tão mimosa! — E ela co'os olhos,  
Que o amor vendava um pouco, agradecia.  
E ela pôde viver; — disse que o amava,  
Que era o seu coração dele — e só dele: —  
Disse, e mais que uma vez, com peito e lábios  
No peito e lábios dele; — era mentira!

E ele o conheceu! por precipícios  
Descrido se arrojou, sentindo a morte,  
Seu berço entre sepulcros procurando.

Aqui — ali — além — eram sepulcros;  
E o nome de sua mãe, sequer não pode  
Dos nomes conhecer de tantos mortos.  
E só no seu morrer, qual só na vida,  
Na terra se estendeu; nem dor, nem pranto  
Tinha no coração que era já morto!

E alguém, que ali passou, vendo um cadáver  
De sânie e podridão comido e sujo,  
Co'o pé num fosso o revolveu; — e terra  
Caída acaso o sepultou p'ra sempre.

Amizade! - ilusão que os anos somem;  
Amor! —um nome só, bem como o nada,  
A dor no coração, delícias n'alma,  
Nos lábios o prazer, nos olhos pranto  
— Tudo é vão, tudo é vão, exceto a morte.

O PIRATA  
(Episódio)

Nas asas breves do tempo  
Um ano e outro passou,  
E Lia sempre formosa  
Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo,  
De mimos cheia, lh'of'rece;  
E bela, apesar de ingrata,  
Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou que longe pára,  
Do que a amou, que pensa nela,  
Pensando encontrar firmeza  
Em Lia, que era tão bela!

Nesse palácio deserto  
Já luzes se vêm luzir,  
Que vem nas sedas, nos vidros  
Cambiantes refletir.

Os ecos alegres soam,  
Soa ruidosa harmonia,  
Soam vozes de ternura,  
Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silêncio  
A face do mar desflora,  
À noite bela fragata  
Chega ao porto, amaina, ancora.

Cai da popa e fere as ondas  
Inquieta, esguia falua,  
Que resvala sobre as águas  
Na esteira que traça a lua.

Já na vácuca praia toca;  
Um vulto em terra saltou,  
Que na longa escadaria  
Presago e torvo enfiou..

Malfadado! por que aportas  
A este sítio fatal!  
Queres o brilho aumentar  
Das bodas do teu rival?

Não, que a vingança lhe range  
Nos duros dentes cerrados,  
Não, que a cabeça referve  
Em maus projetos danados!

Não, que os seus olhos bem dizem  
O que diz seu coração;  
Terríveis, como um espelho,  
Que retratasse um vulcão.

Não, que os lábios descorados  
Vociferam seu rival;  
Não, que a mão no peito aperta  
Seu pontiagudo punhal.

Não, por Deus, que tais afrontas  
Não as sói deixar impunes,  
Quem tem ao lado um punhal,  
Quem tem no peito ciúmes!

Subiu! - e viu com seus olhos  
Ela a rir-se que dançava,  
Folgando, infame! nos braços  
Porque assim o assassinava.

E ele avançou mais avante,  
E viu...o leito fatal!  
E viu...e cheio de raiva  
Cravou no meio o punhal.

E avançou... e à janela  
Sozinha a viu suspirar,  
— Saudosa e bela encarando  
A imensidade do mar.

Como se vira um espectro,  
De repente ela fugiu!  
Tal fogue a corça nos bosques  
Se leve rumor sentiu.

Que foi? — Quem sabe dizê-lo?  
Foram vislumbres de dor:  
Coração, que tem remorsos,  
Sente contínuo terror!

Ele à janela chegou-se,  
Horrível nada encontrou. . .  
Somente, ao longe, nas sombras,  
Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo  
Nada mais de seu contava!  
Nada mais que essa fragata!  
Nada mais de quanto amava!

Nada mais!... — que lh'importava  
De no mundo só se achar?  
Inda muito lhe ficava —  
Água e céus e vento e mar.

Assim pensava, mas nisto  
Descortina o seu rival,  
Não visto; — a mão na cintura  
Cingiu raivoso o punhal!

Mas pensou...— não, seja dela,  
E tenha zelos como eu? —  
Larga o punhal, e um retrato  
Na destra mão estendeu.

Porém sentiu que inda tinha  
Mais que branda compaixão;  
Miserando! inda guardava  
Seu amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;  
Foi culpa do fado meu!  
Nada mais de pensar nela;  
Finjamos que ela morreu.

Por entre a turba que alegre  
No baile — a sorrir-se estava,  
Mudo, triste, e pensativo  
Surdamente se afastava.

De manhã — quando o sarau  
Apagava o seu rumor,  
Chegava Lia a janela,  
Mais formosa de palor.

Chegou-se; — e além — no horizonte  
Uma vela inda avistou;  
E co'a mão trêmula e fria  
O telescópio buscou!

Um pavilhão viu na popa,  
Que tinha um globo pintado;  
E no mastro da mezena  
Um negro vulto encostado.

Eram chorosos seus olhos,  
Os olhos seus enxugou;  
E o telescópio de novo  
Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste  
Parece reconheceu;  
Mas a vela no horizonte  
Para sempre se perdeu.

A Vila Maldita, Cidade de Deus  
Ao seu querido e afetuoso amigo  
A. T. de Carvalho Leal

*Peccata peccavit Jerusalem, et propter  
ea instabilis facta est; omnes qui  
glorificabant eam, spreverunt illam, quia  
viderunt ignominiam ejus; ipsa autem  
gemens conversa est retrorsum.*  
— Lament

I

O imenso aposento a luz alaga  
Com soberbo clarão,  
E as mesas do banquete se devolvem  
Pelo vasto salão;

E os instrumentos palpitantes soam  
Frenética harmonia;  
E o coro dos convivas se levanta  
Pleno d'ébria alegria!

Ali se ostenta o nobre vicioso  
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,  
Cheio de mesquinhez, — o envilecido,  
Imundo pobre no seu manto involto  
De misérias, torpeza e vilanias;  
— A prostituta que alardeia os vícios,  
Menosprezando a castidade e a honra,  
Sem pejo, sem pudor, d'infâmia eivada.

E o livre ditirambo, a atroz blasfêmia,  
Os cantos imorais, canções impudicas,  
Gritos e orgia envolta em negro manto  
De fumo e vinho, - os ares aturdiam;  
E muito além, no meio d'alta noite,  
Nos ecos, ruas, praças rebatiam.

II

Depois, ainda suja a boca, as faces,  
D'imundo vomitar,  
Com vacilante pé calcando a terra  
Os viras levantar.

A larga porta despedia em turmas



A noturna coorte;  
Ouvia-se depois por toda a parte  
Gritos, horror de morte!

E ninguém vinha ao retinir de ferro,  
Que assassinava;  
Porque era dum valente o punhal nobre,  
Que as leis ditava.

Outra vez a cair se emaranhavam  
Da porta pelo umbral:  
Tinham tintas de sangue a face, as vestes,  
Em sangue tinto o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores  
Da noite derradeira;  
E a morte vária revelava a fúria  
Da turba carniceira.

E o sacrílego padre só vendia  
O tum'lo por dinheiro;  
Vendia a terra aos mortos insepultos,  
O vil interesseiro!

Ou lá ficavam, como pasto aos corvos,  
Por sobre a terra nua;  
E ninguém de tal sorte se pesava,  
Que ser podia a sua!

"E Deus maldisse a terra criminosa,  
"Maldisse aos homens dela,  
"Maldisse a cobardia dos escravos  
"Dessa terra tão bela."

### III

E a mortífera peste lutuosa  
Do inferno rebentou,  
E nas asas dos ventos pavorosa  
Sobre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso  
Longa vida futura,  
Doido sentiu quebrar-lhe as esperanças  
Pedra de sepultura.

E a donzela tão linda que vivia  
Confiada no amor,  
Entre os braços da mãe provou bem cedo  
Da morte o dissabor.

E o trêmulo ancião qu'inda esperava  
Morrer assim  
Como um fruto maduro destacado  
D'árvore enfim,

Sentiu a morte esvoaçar-lhe em tomo,  
Como um bulcão,  
Que afronta o nauta quando avista a terra  
Da salvação.

Era deserta a vila, a casa, o templo —  
Ar de morte soprou!  
Mas a casa dos vis nos seus delírios  
Ébria continuou!

"E Deus maldisse a terra criminosa,  
"Maldisse os homens dela,  
"Maldisse a cobardia dos escravos  
"Dessa terra tão bela."

#### IV

Eis o aço da guerra lampeja,  
Do fogo corcel o nitrido,  
Eis o brônzeo canhão que rouqueja,  
Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestam guerreiros luzentes,  
Já se enfreiam corcéis belicosos,  
Já mancebos se partem contentes,  
Augurando a vitória briosos.

Brilha a raiva nos olhos; — nas faces  
O interno rancor podes ler;  
Eia, avante! — clamaram os bravos,  
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eia, avante! — briosos corramos  
Na peleja o inimigo bater;  
Crua morte na espada levamos!  
Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eis o aço da guerra lampeja,  
Do corcel belicoso o nitrido,  
Eis o brônzeo canhão que rouqueja  
E da morte represso o gemido.

#### V

E a selva vomitou homens sem conto  
A voz do onipotente,  
Como a neve hibernal que o sol derrete,

Engrossando a corrente.

E em redor dessa vila se estreitaram,  
Cingidos d'armadura;  
E a vila se doeu no íntimo seio  
De tão acre amargura.

Mas os fortes bradaram: — Eia, avante!  
Prontos a batalhar;  
Mas o braço e valor ante os inimigos  
Se vieram quebrar.

E um ano inteiro sem cessar lutaram,  
Cheios de bizzarria,  
Como dois crocodilos que brigassem  
Dum rio a primazia!

E renderam-se enfim, mas de famintos.  
De sequiosos;  
Valentes lidadores foram eles,  
Se não briosos.

## VI

E o exército contrário entra rugindo  
Na vila, que as suas portas lhe franqueia:  
Rasteiro corre o incêndio e surdamente  
O custoso edifício ataca e mina.  
Eis que a chama roaz amostra as fendas  
Das portas que se abrasam; descortina  
O torvo olhar do vencedor — apenas —  
Lá dentro o incêndio só, fora só trevas!  
Urros de frenesi, de dor, de raiva  
Escutam dos que, às súbitas colhidos,  
Contra os muros em brasa se arremessam;  
Dos que, perdido o tino, intentam loucos  
Achar a salvação, e a morte encontram.  
Lá dentro confusão, silêncio foral  
São carrascos aqui, vítimas dentro,  
Geme o travejamento, estrala a pedra,  
Cresce horror sobre horror, desaba o teto,  
E o fumo enegrecido se enovela  
Co'o vértice sublime os céus roçando.  
Como o vulcão que a lava arroja às nuvens,  
Como ígnea coluna que da terra  
Hiante rebentasse, — tal se eleva,  
Tal sobe aos ares, tal se empina e cresce  
A labareda portentosa; e baixa,  
E desce à terra, c'o edifício enrola,  
E o sorve inteiro, qual se foram vagas  
Que a dura rocha do alicerce abalam,

Que a enlaçam, como a preá, — e ao fundo pego  
Levam, deixando e mar branco d'espuma.  
No horror da noite, sibilando os ventos,  
Línguas piramidais do atroz incêndio.  
Fumosas pelas ruas estalando,  
Tingem da cor do inferno a cor da noite,  
Tingem da cor do sangue a cor do inferno!  
— O ar são gritos, fumo o céu, e a terra fogo.

VII

E aqueles que inda são e imunes eram,  
Os que a peste enjeitou,  
Que fome e sede e privações sofreram...  
A espada decepou.

E a donzela tremeu, da mãe nos braços  
Não salva ainda,  
Que incitava os prazeres do soldado  
A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bela  
Sentiu prazer,  
Sente martírios porque a vê formosa  
No seu morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas  
Tudo destruição:  
A coluna, o palácio, a casa, o templo,  
O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos  
Já rojam sobre o pó;  
Mas o Deus, o Deus bom já está vingado.  
Por ela já sente dó.

E a vila d'outrora mais ruidosa,  
Lá ressurgiu cidade;  
Porque o Deus da justiça, o das armadas,  
O Deus é de bondade.

Quadras da Minha Vida  
Recordação e Desejo  
Ao meu bom amigo o Dr. A. Rego

*Sol chi non lascia eredità d'affeti  
Poca gioia ha dell'urna.*  
— Foscolo

I

Houve tempo em que os meus olhos  
Gostavam do sol brilhante,  
E do negro véu da noite,  
E da aurora cintilante.

Gostavam da branca nuvem  
Em céu de azul espaiada,  
Do terno gemer da fonte  
Sobre pedras despenhada.

Gostavam das vivas cores  
De bela flor vicejante,  
E da voz imensa e forte  
Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!  
A luz brilhante, o sussurrar da brisa,  
O verde bosque, o rosicler d'aurora,  
Estrelas, céus, e mar, e sol, e terra,  
D'esperança e d'amor minha alma ardente,  
De luz e de calor meu peito enchiam.  
Inteira a natureza parecia  
Meus mais fundos, mais íntimos desejos  
Perscrutar e cumprir; — almo sorriso  
Parecia enfeitar co'os seus encantos,  
Com todo o seu amor compor, doirá-lo,  
Porque os meus olhos deslumbrados vissem-no,  
Porque minha alma de o sentir folgasse.

Oh! quadra tão feliz! — Se ouvia a brisa  
Nas folhas sussurrando, o som das águas,  
Dos bosques o rugir; — se os desejava,  
— O bosque, a brisa, a folha, o trepidante  
Das águas murmurar prestes ouvia.  
Se o sol doirava os céus, se a lua casta.  
Se as tímidas estrelas cintilavam,  
Se a flor desabrochava envolta em musgo,  
— Era a flor que eu amava, — eram estrelas  
Meus amores somente, o sol brilhante,  
A lua merencória — os meus amores!  
Oh! quadra tão feliz! — doce harmonia,  
Acordo estreme de vontade e força,  
Que atava minha vida à natureza!  
Ela era para mim bem como a esposa  
Recém-casada, pudica sorrindo;  
Alma de noiva — coração de virgem,  
Que a minha vida inteira abrilhantava!  
Quando um desejo me brotava n'alma,  
Ela o desejo meu satisfazia;

E o quer que ela fizesse ou me dissesse,  
Esse era o meu desejo, essa a voz minha,  
Esse era o meu sentir do fundo d'alma,  
Expresso pela voz que eu mais amava.

II

Agora a flor que m'importa,  
Ou a brisa perfumada,  
Ou o som d'amiga fonte  
Sobre pedras despenhada?

Que me importa a voz confusa  
Do bosque verde-frondoso,  
Que m'importa a branca lua,  
Que m'importa o sol formoso?

Que m'importa a nova aurora,  
Quando se pinta no céu;  
Que m'importa a feia noite,  
Quando desdobra o seu véu?

Estas cenas, que amei, já me não causam  
Nem dor e nem prazer! — Indiferente,  
Minha alma um só desejo não concebe,  
Nem vontade já tem!... Oh! Deus! quem pôde  
Do meu imaginar as puras asas  
Cercear, desprender-lhe as níveas plumas,  
Rojá-las sobre ó pó, calcá-las tristes?  
Perante a criação tão vasta e bela  
Minha alma é como a flor que pende murcha;  
É qual profundo abismo: — embalde estrelas  
Brilham no azul dos céus, embalde a noite  
Estende sobre a terra o negro manto:  
Não pode a luz chegar ao fundo abismo,  
Nem pode a noite enegrecer-lhe a face;  
Não pode a luz à flor prestar mais brilho  
Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

III

Houve tempo em que os meus olhos  
Se extasiavam de ver  
Ágil donzela formosa  
Por entre flores correr.

Gostavam de um gesto brando,  
Que revelasse pudor;  
Gostavam de uns olhos negros,  
Que rutilassem de amor.

E gostavam meus ouvidos  
De uma voz — toda harmonia, —  
Quer pesares exprimisse,  
Quer exprimisse alegria.

Era um prazer, que eu tinha, ver a virgem  
Indolente ou fugaz — alegre ou triste,  
Da vida a estreita senda desflorando  
Com pé ligeiro e ânimo tranqüilo;  
Impróvida e brilhante parecendo  
Seus dias desfolhar, uns após outros,  
Como folhas de rosa; — e no futuro —  
Ver luzir-lhe somente a luz d'aurora.  
Era deleite e dor vê-la tão leda  
Do mundo as aflições, angústias, prantos  
Afrontar co'um sorriso; era um descanso  
Interno e fundo, que sentia a mente,  
Um quadro em que os meus olhos repousavam,  
Ver tanta formosura e tal pureza  
Em rosto de mulher com alma d'anjo!

#### IV

Houve tempo em que os meus olhos  
Gostavam de lindo infante,  
Com a candura e sorriso  
Que adorna infantil semblante.

Gostavam do grave aspecto  
De majestoso ancião,  
Tendo nos lábios conselhos,  
Tendo amor no coração.

Um representa a inocência,  
Outro a verdade sem véu;  
Ambos tão puros, tão graves,  
Ambos tão perto do céu!

Infante e velho! — princípio e fim da vida! —  
Um entra neste mundo, outro sai dele,  
Gozando ambos da aurora; — um sobre a terra,  
E o outro lá nos céus. — O Deus, que é grande,  
Do pobre velho compensando as dores,  
O chama para si; o Deus clemente  
Sobre a inocência de continuo vela.  
Amei do velho o majestoso aspecto,  
Amei o infante que não tem segredos,  
Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.  
Armei as doces vozes da inocência,  
A ríspida franqueza amei do velho,  
E as rígidas verdades mal sabidas,

Só por lábios senis pronunciadas.

V

Houve tempo, em que possível  
Eu julguei no mundo achar  
Dois amigos extremosos,  
Dois irmãos do meu pensar:

Amigos que compr'endessem  
Meu prazer e minha dor,  
Dos meus lábios o sorriso,  
Da minha alma o dissabor;

Amigos, cuja existência  
Vivesse eu co'o meu viver:  
Unidos sempre na vida,  
Unidos — até no morrer.

Amizade! — união, virtude, encanto —  
Consórcio do querer, de força e d'alma —  
Dos grandes sentimentos cá da terra  
Talvez o mais recíproco, o mais fundo!  
Quem há que diga: Eu sou feliz! — se acaso  
Um amigo lhe falta? — um doce amigo,  
Que sinta o seu prazer como ele o sente,  
Que sofra a sua dor como ele a sofre?  
Quando a ventura lhe sorri na vida,  
Um a par doutro — ei-los lá vão felizes;  
Quando um sente aflição, nos braços do outro  
A aflição, que é só dum, carpindo juntos,  
Encontra doce alívio o desditoso  
No tesouro que encerra um peito amigo.  
Cândido par de cisnes, vão roçando  
A face azul do mar co'as níveas asas  
Em deleite amoroso; — acalentados  
Pelo sereno espreguiçar das ondas,  
Aspirando perfumes mal sentidos,  
Por vesperina aragem bafejados,  
É jogo o seu viver; — porém se o vento  
No frondoso arvoredado ruge ao longe,  
Se o mar, batendo irado as ermas praias,  
Cruzadas vagas em novelo enrola,  
Com grito de terror o par candente  
Sacode as níveas asas, bate-as, — fogem.

VI

Houve tempo em que eu pedia  
Uma mulher ao meu Deus,  
Uma mulher que eu amasse,  
Um dos belos anjos seus.



Em que eu a Deus só pedia  
Com fervorosa oração  
Um amor sincero e fundo,  
Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante  
Contra o meu peito bater,  
Somente um dia... somente!  
E depois dele morrer.

Amei! e o meu amor foi vida insana!  
Um ardente anelar, cautério vivo,  
Posto no coração, a remordê-lo.  
Não tinha uma harmonia a natureza  
Comparada a sua voz; não tinha cores  
Formosas como as dela, — nem perfumes  
Como esse puro odor qu'ela esparzia  
D'angélica pureza. — Meus ouvidos  
O feiticeiro som dos meigos lábios  
Ouviam com prazer; meus olhos vagos  
De a ver não se cansavam; lábios d'homens  
Não puderam dizer como eu a amava!  
E achei que o amor mentia, e que o meu anjo  
Era apenas mulher! chorei! deixei-a!  
E aqueles, que eu amei co'o amor d'amigo,  
A sorte, boa ou má, levou-mos longe,  
Bem longe quando eu perto os carecia.  
Concluí que a amizade era um fantasma,  
Na velhice prudente — hábito apenas,  
No jovem — doudejar; em mim lembrança;  
Lembrança! — porém tal que a não trocara  
Pelos gozos da terra, — meus prazeres  
Foram só meus amigos, — meus amores  
Hão de ser neste mundo eles somente.

#### Vil

Houve tempo em que eu sentia  
Grave e solene aflição,  
Quando ouvia junto ao morto  
Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro  
Em sons pesados dobrar,  
E os cantos do sacerdote  
Erguidos junto do altar.

Quando via sobre um corpo  
A fria lousa cair;  
Silêncio debaixo dela,  
Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,  
Tépida talvez com o pranto amargo  
Dos olhos da aflição; — se os mortos sentem,  
Ou se almas tem amor aos seus despojos,  
Certo dos pés dó Eterno, entre a aleluia,  
E o gozo lá dos céus, e os coros d'anjos,  
Hão de lembrar-se com prazer dos vivos,  
Que choram sobre a campa, onde já brota  
O denso musgo, e já desponta a relva.

Laje fria dos mortos! quem me dera  
Gozar do teu descanso, ir asilar-me  
Sob o teu santo horror, e nessas trevas  
Do bulício do mundo ir esconder-me!  
Oh! laje dos sepulcros! quem me desse  
No teu silêncio fundo asilo eterno!  
Ai não pulsa o coração, nem sente  
Martírios de viver quem já não vive.

## HINOS

### O Mar

*Frappé de la grandeur farouche  
Je tremble... est-ce bien toi, vieux lion que je touche.  
Océan, terrible océan!  
— Turquety*

Oceano terrível, mar imenso  
De vagas procelosas que se enrolam  
Floridas rebentando em branca espuma  
Num pólo e noutro pólo,  
Enfim... enfim te vejo; enfim meus olhos  
Na indômita cerviz trêmulos cravo,  
E esse rugido teu sanhudo e forte  
Enfim medroso escuto!

Donde houveste, ó pélagos revoltos,  
Esse rugido teu? Em vão dos ventos  
Corre o insano pegão lascando os troncos,  
E do profundo abismo  
Chamando à superfície infindas vagas,  
Que avaro encerras no teu seio undoso;  
Ao insano rugir dos ventos bravos  
Sobressai teu rugido.  
Em vão treveja horríssonas tormentas;  
Essa voz do trovão, que os céus abala,  
Não cobre a tua voz. — Ah! donde a houveste,  
Majestoso oceano?

Ó mar, o teu rugido é um eco incerto  
Da criadora voz, de que surgiste:  
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas  
As vagas competiste.  
E à noite, quando o céu é puro e limpo,  
Teu chão tinges de azul, — tuas ondas correm  
Por sobre estrelas mil; turvam-se os olhos  
Entre dois céus brilhantes.

Da voz de Jeová um eco incerto  
Julgo ser teu rugir; mas só, perene,  
Imagem do infinito, retratando  
As feitura de Deus.  
Por isto, a sós contigo, a mente livre  
Se eleva, aos céus remonta ardente, altiva,  
E deste lodo terreal se apura,  
Bem como o bronze ao fogo.  
Férvida a Musa, co'os teus sons casada,  
Glorifica o Senhor de sobre os astros  
Co'a fronte além dos céus, além das nuvens,  
E co'os pés sobre ti.

O que há mais forte do que tu? Se eriças  
A coma perigosa, a nau possante,  
Extremo de artifício, em breve tempo  
Se afunda e se aniquila.  
És poderoso sem rival na terra;  
Mas lá te vais quebrar num grão d'areia,  
Tão forte contra os homens, tão sem força  
Contra coisa tão fraca!

Mas nesse instante que me está marcado,  
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre  
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue  
Teu sonoro rugido.  
Então mais forte do que tu, minha alma,  
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,  
Quebrará num relance o circ'lo estreito  
Do finito e dos céus!

Então, entre miríades de estrelas,  
Cantando hinos d'amor nas harpas d'anjos,  
Mais forte soará que as tuas vagas,  
Mordendo a fulva areia;  
Inda mais doce que o singelo canto  
De merencória virgem, quando a noite  
Ocupa a terra, — e do que a mansa brisa,  
Que entre flores suspira.

## IDÉIA DE DEUS

*Gross ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl  
Sind seine Wohnungen!  
Seine Wagen die donnernden Gewölke,  
Und Blitze sein Gespann.  
-- KLeist*

I  
À voz de Jeová infindos mundos  
Se formaram do nada;  
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,  
E a noite foi criada,

Luziu no espaço a lua! sobre a terra  
Rouqueja o mar raivoso,  
E as esferas nos céus ergueram hinos  
Ao Deus prodigioso.

Hino de amar a criação, que soa  
Eternal, incessante,  
Da noite no remanso, no ruído  
Do dia cintilante!

A morte, as aflições, o espaço, o tempo,  
O que é para o Senhor?  
Eterno, imenso, que lh'importa a sanha  
Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,  
E tudo nota e vê —  
O argueiro, os mundos, o universo, o justo;  
E o homem que não crê.

E ele que pode aniquilar os mundos,  
Tão forte como ele é,  
E vê e passa, e não castiga o crime,  
Nem o ímpio sem fé!

Porém quando corrupto um povo inteiro  
O Nome seu maldiz,  
Quando só vive de vingança e roubos,  
Julgando-se feliz;

Quando o ímpio comanda, quando o justo  
Sofre as penas do mal,  
E as virgens sem pudor, e as mães sem honra.  
E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldita,

Cheia de ingratidão,  
Que há de ela mesma sujeitar seu colo  
A justa punição.

Ou já terrível peste expande as asas,  
Bem lenta a esvoaçar;  
Vai de uns a outros, dos festins conviva,  
Hóspede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra acesa  
Espalha a confusão;  
E a esposa, e a filha, de tenor opresso,  
Não sente o coração.

E o pai, e o esposo, no morrer cruento,  
Vomita o fel raivoso;  
- Milhões de insetos vis que um pé gigante  
Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce  
Esperançoso e crente.  
Como do podre e carunchoso tronco  
Hástea forte e virente.

## II

Oh! como é grande o Senhor Deus, que os mundos  
Equilibra nos ares;  
Que vai do abismo aos céus, que susta as iras  
Do pélagos fremente,  
A cujo sopro a máquina estrelada  
Vacila nos seus eixos,  
A cujo aceno os querubins se movem  
Humildes, respeitosos,  
Cujo poder, que é sem igual, excede  
A hipérbole arrojada!  
Oh! como é grande o Senhor Deus dos mundos,  
O Senhor dos prodígios.

## III

Ele mandou que o sol fosse princípio,  
E razão de existência,  
Que fosse a luz dos homens — olho eterno  
Da sua providência.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,  
Refizesse o vigor  
Da terra hiante, do animal cansado  
Em praino abrasador.

Mandou que a brisa sussurrasse amiga,

Roubando aroma à flor;  
Que os rochedos tivessem longa vida,  
E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deus que manda  
Um sonho ao desgraçado,  
Que vive agro viver entre misérias,  
De ferros rodeado;

O Deus que manda ao infeliz que espere  
Na sua providência;  
Que o justo durma, descansado e forte  
Na sua consciência!

Que o assassino de contínuo vele,  
Que trema de morrer;  
Enquanto lá nos céus, o que foi morto,  
Desfruta outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deus, que rege  
A máquina estrelada,  
Que ao triste dá prazer; descanso e vida  
À mente atribulada!

#### O ROMPER D'ALVA

*Quand ta carde n'aurait qu'un son,  
Harpe fidèle, chante encore  
Le Dieu que ma jeunesse adore.  
Car c'est un hymne que son nom.*  
— Lamartine

Do vento o rijo sopro as mansas ondas  
Varreu do imenso pego, — e o mar rugindo  
As nuvens se elevou com fúria insana;  
Enoveladas vagas se arrojaram  
Ao céu co'a branca espuma!  
Raivando em vão se encontram soluçando  
Na base d'erma rocha descalvada;  
Em vão de fúrias crescem, que se quebra  
A força enorme do impotente orgulho  
Na rocha altiva ou na arenosa praia. —  
Da tormenta o furor lhe acende os brios,  
Da tormenta o furor lh'enfreia as iras,  
Que em teimosos gemidos se descerram,  
Da quieta noite despertando os ecos  
Além, no vale humilde, onde não chega  
Seu sanhudo gemer, que o dia abafa.

Mas a brisa sussurrando

A face do céu varreu,  
Tristes nuvens espalhando,  
Que a noite em ondas verteu.

Além, atrás da montanha,  
Branda luz se patenteia,  
Que d'alma a dor afugenta,  
Se dentro sentida anseia.

Branda luz, que afaga a vista,  
De que se ama o céu tingir,  
Quando entre o azul transparente  
Parece alegre sorrir;

Como és linda! — Como dobras  
Da vida a força e do amor!  
— Que tão bem luz dentro d'alma  
Teu luzir encantador!

No teu ameno silêncio  
A tormenta se perdeu,  
E do mar a forte vida  
Nos abismos se escondeu!

Porque assim de novo agora  
Que o vento o não vem toldar,  
Parece que vai queixoso  
Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredado,  
Bem como as ondas do mar,  
Sem correr sopro de vento,  
Começam de murmurar?

Sobre o tapiz d'alva relva,  
— Rocio da madrugada —  
Destila gotas de orvalho  
A verde folha inclinada.

Renascida a natureza  
Parece sentir amor;  
Mais brilhante, mais viçosa  
O cálix levanta a flor.

Por entre as ramas ocultas,  
Docemente a gorjear,  
Acordam trinando as aves,  
Alegres, no seu trinar.

O arvoredado nessa língua

Que diz, por que assim sussurra?  
Que diz o cantar das aves?  
Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome sublime,  
O nome do que é Senhor,  
Um nome que os anjos dizem,  
O nome do Criador.

Tão bem eu, Senhor, direi  
Teu nome — do coração,  
E ajuntarei o meu hino  
Ao hino da criação.

Quando a dor meu peito acanha,  
Quando me rala a aflição.  
Quando nem tenho na terra  
Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do peso insano  
Livas meu peito arquejante,  
Secas-me o pranto que os olhos  
Vertendo estão abundante.

Tu pacificas minha alma,  
Quando se rasga com pena,  
Como a noite que se esconde  
Na luz da manhã serena.

Tu és a luz do universo,  
Tu és o ser criador,  
Tu és o amor, és a vida,  
Tu és meu Deus, meu Senhor.

Direi nas sombras da noite,  
Direi ao romper da aurora:  
- Tu és o Deus do universo,  
O Deus que minha alma adora.

Tão bem eu, Senhor, direi  
Teu nome — do coração,  
E ajuntarei o meu hino  
Ao hino da criação.

#### A TARDE

*Ave Maria! blessed be the hour!  
The time, the clime, the spot where I so oft  
Have felt that moment in its fullest power  
Sink o'er the earth so beautiful and soft...*



— Byron

Ó tarde, oh bela tarde, oh meus amores,  
Mãe da meditação, meu doce encanto!  
Os rogos da minha alma enfim ouviste,  
E grato refrigerio vens trazer-lhe  
No teu remansear preenhe de enlevos!  
Em quanto de te ver gostam meus olhos,  
Enquanto sinto a minha voz nos lábios,  
Enquanto a morte me não rouba à vida,  
Um hino em teu louvor minha alma exale,  
Oh tarde, oh bela tarde, oh meus amores!

I

É bela a noite, quando grave estende  
Sobre a terra dormente o negro manto  
De brilhantes estrelas recamado;  
Mas nessa escuridão, nesse silêncio  
Que ela consigo traz, há um quê de horrível  
Que espanta e desespera e geme n'alma;  
Um quê de triste que nos lembra a morte!  
No romper d'alva há tanto amor, tal vida,  
Há tantas cores, brilhantismo e pompa,  
Que fascina, que atrai, que a amar convida;  
Não pode suportá-la homem que sofre,  
Órfãos de coração não podem vê-la.

Só tu, feliz, só tu, a todos prendes!  
A mente, o coração, sentidos, olhos,  
A ledice e a dor, o pranto e o riso,  
Folgam de te avistar; — são teus, — és deles  
Homem que sente dor folga contigo,  
Homem que tem prazer folga de ver-te!  
Contigo simpatizam, porque és bela,  
Qu'és mãe de merencórios pensamentos,  
Entre os céus e a terra êxtases doce,  
Entre dor e prazer celeste arroubo.

II

A brisa que murmura na folhagem,  
As aves que pipilam docemente,  
A estrela que desponta, que rutila,  
Com duvidosa luz ferindo os mares,  
O sol que vai nas águas sepultar-se  
Tingindo o azul dos céus de branco e d'oiro;  
Perfumes, murmurar, vapores, brisa,  
Estrelas, céus e mar, e sol e terra,  
Tudo existe contigo, e tu és tudo.

III

Homem que vivo agro viver de corte,  
Indiferente olhar derrama a custo  
Sobre os fulgores teus; — homem do mundo  
Mal pode o desbotado pensamento  
Revolver sobre o pó; mas nunca, oh nunca!  
Há de elevar-se a Deus, e nunca há de ele  
Na abóbada celeste ir pendurar-se,  
Como de rósea flor pendente abelha.  
Homem da natureza, esse contemple  
De púrpura tingir a luz que morre  
As nuvens lá no ocaso vacilantes!  
Há de vida melhor sentir no peito,  
Sentir doce prazer sorrir-lhe n'alma,  
E fonte de ternura inesgotável  
Do fundo coração brotar-lhe em ondas.

Hora do pôr do sol? — hora fagueira,  
Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta!  
Quem há que de te ver não sinta enlevos,  
Quem há na terra que não sinta as fibras  
Todas do coração pulsar-lhe amigas,  
Quando desse teu manto as pardas franjas  
Soltas, roçando a habitação dos homens?  
Há i prazer tamanho que embriaga,  
Há i prazer tão puro, que parece  
Haver anjos dos céus com seus acordes  
A mísera existência acalentado!

IV

Sócia do forasteiro, tu, saudade,  
Nesta hora os teus espinhos mais pungentes  
Cravas no coração do que anda errante.  
Só ele, o peregrino, onde acolher-se,  
Não tem tugúrio seu, nem pai, nem 'spôsa,  
Ninguém que o espere com sorrir nos lábios  
E paz no coração, — ninguém que estranhe,  
Que anseie aflito de o não ver consigo!  
Cravas então, saudade, os teus espinhos;  
E eles, tão pungentes, tão agudos,  
Varando o coração de um lado a outro,  
Nem trazem dor, nem desespero incitam;  
Mas remanso de dor, mas um suave  
Recordar do passado, — um quê de triste  
Que ri ao coração, chamando aos olhos  
Tão espontâneo, tão fagueiro pranto,  
Que não fora prazer não derramá-lo.  
E quem — ah tão feliz! — quem peregrino  
Sobre a terra não foi? Quem sempre há vista  
Serenos e brandos deslizar-se o fumo

Sobre o teto dos seus; e sobre os cumes  
Que os seus olhos hão visto à luz primeira  
Crescer branca neblina que se enrola,  
Como incenso que aos céus a terra envia?  
Tão feliz! quando a morte envolta em pranto  
Com gelado suor lh'enerva os membros,  
Procura inda outra mão co'a mão sem vida,  
E o extremo cintilar dos olhos baços,  
De um ente amado procurando os olhos,  
Sem prazer, mas sem dor, ali se apaga.  
O exilado! esse não; tão só na vida,  
Como no passamento ermo e sozinho,  
Sente dores cruéis, torvos pesares  
Do leito aflito esvoaçar-lhe em torno,  
Roçar-lhe o frio, o pálido semblante,  
E o instante derradeiro amargurar-lhe.  
Porém, no meu passar da vida à morte,  
Possa co'a extrema luz destes meus olhos  
Trocar último adeus com os teus fulgores!  
Ah! possa o teu alento perfumado,  
Do que na terra estimo, docemente  
Minha alma separar, e derramá-la  
Como um vago perfume aos pés do Eterno.

#### O TEMPLO

*...Jéhovah déploie autour de nos demeures  
Le linceul de la nuit, ei la chaîne des heures  
Tombe anneau par anneau.*  
— Turquety

I

Estou só neste mudo santuário,  
Eu só, com minha dor, com minhas penas!  
E o pranto nos meus olhos represado,  
Que nunca viu correr humana vista,  
Livramento o derramo aos pés de Cristo,  
Que tão bem suspirou, gemeu sozinho,  
Que tão bem padeceu sem ter conforto,  
Como eu padeço, e soffro, e gemo, e choro.

Remorso não me punge a consciência,  
Vergonha não me tinge a cor do rosto,  
Nem crimes perpetrei; — porque assim choro?  
E direi eu por quê? — Antes meu berço,  
Que vagidos de infante vividouro,  
Os sons finais de um moribundo ouvisse!  
Que esperanças que eu tinha tão formosas,  
Que mimosos enlevos de ternura,  
Não continha minha alma toda amores!

Esperanças e amor, que é feito delas?  
Um dia me roubava uma esperança,  
E sozinho, uma e uma, me deixaram.  
Morreram todas, como folhas verdes  
Que em princípios do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu senti-lo ao menos;  
Quando eu via a desdita de bem perto  
Co'um sorriso infernal no rosto esquálido,  
Com fome e frio a tiritar demente,  
Acenando-me infausta? — quando vinda  
Minha honra já sentia, em que os meus lábios,  
Tremendo de vergonha, soluçassem  
Ao feliz com que eu na rua deparasse,  
De mãos erguidas: Meu Senhor, piedade!  
Eis por que sofro assim, por que assim gemo,  
Por que meu rosto pálido se encova,  
Por que somente a dor me ri nos lábios,  
Por que meu coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro.  
No altar profano de beleza esquiva  
Não queimo incenso vão; — tu só me ocupas  
O coração, que eu fiz hóstia sagrada,  
Apuro de elevados sentimentos,  
Que o teu amor somente asilam, nutrem.  
Quando ao sopé da cruz me chego aflito,  
Sinto que o meu sofrer se vai minguando,  
Sinto minha ama que de novo existe,  
Sinto meu coração arder em chamas,  
Arder meus lábios ao dizer teu nome.  
Assim a cada aurora, a cada noite.  
Virei consolações beber sedento  
Aos pés do meu Senhor; —virei meu peito  
Encher de religião, de amor, de fogo,  
Que além de infintos céus minha alma exalte.

## II

Quem me dera nas asas deste vento,  
Que agora tão saudoso aqui murmura,  
Agitando as cortinas, que me encobrem  
Do teu rosto o fulgor, que me não cegue,  
Subir além dos sois, além das nuvens  
Ao teu trono, ó meu Deus; ou quem me desse  
Ser este incenso que se arroja em ondas  
A subir, a crescer, em rolo, em fumo,  
Até perder-se na amplidão dos ares!  
Não qu'ria aqui viver! — Quando eu padeço,  
Surdez fingida a minha voz responde;  
Não tenho voz de amor, que me console,

Corre o meu pranto sobre terra ingrata,  
E dor mortal meu coração fragoa.  
Só tu, Senhor, só tu, no meu deserto  
Escutas minha voz que te suplica;  
Só tu nutres minha alma de esperança;  
Só tu, ó meu Senhor, em mim derramas  
Torrentes de harmonia, que me abraçam.

Qual órgão, que ressoa mavioso,  
Quando segura mão lhe oprime as teclas,  
Assim minha alma, quando a ti se achega,  
Hinos de ardente amor disfere grata:  
E, quando mais serena, inda conserva  
Eflúvios desse canto, que me guia  
No caminho da vida áspero e duro.  
Assim por muito tempo reboando  
Vão no recinto do sagrado templo  
Sons, que o órgão soltou, que o ouvido escuta.

#### TE DEUM

Nós, Senhor, nós te louvamos,  
Nós, Senhor, te confessamos.

Senhor Deus Sabaot, três vezes santo,  
Imenso é o poder, tua força imensa,  
Teus prodígios sem conta: — e os céus e a terra  
Teu ser e nome e glória preconizam.

E o arcanjo forte, e o serafim sem mancha,  
E o coro dos profetas, e dos mártires  
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamam  
Senhor Deus Sabaot, três vezes santo.

Na inocência do infante és tu quem falas;  
A beleza, o pudor — és tu que as gravas  
Nas faces da mulher, — és tu que ao velho  
Prudência dás, — e o que verdade e força  
Nos puros lábios, do que é justo, imprimes.

Es tu quem dás rumor à quieta noite,  
És tu quem dás frescor à mansa brisa,  
Quem dás fulgor ao raio, asas ao vento,  
Quem na voz do trovão longe rouquejas.

És tu que do oceano à fúria insana  
Pões limites e cobro, — és tu que a terra  
No seu vôo equilibras, — quem dos astros  
Governas a harmonia, como notas  
Acordes, simultâneas, palpitando

Nas cordas d'Harpa do teu Rei Profeta,  
Quando ele em teu louvor hinos soltava,  
Qu'iam, cheios de amor, beijar teu sólio.

Santo! Santo! Santo! — teus prodígios  
São grandes, como os astros, — são imensos,  
Como areia delgada, em quadra estiva.

E o arcanjo forte, e o serafim sem mancha,  
E o coro dos profetas, e dos mártires  
A turba eleita — a ti, Senhor, proclamam,  
Senhor Deus Sabaot, três vezes grande.

#### Adeus

Aos meus amigos do Maranhão

Meus amigos, Adeus! Já no horizonte  
O fulgor da manhã se empurpurece:  
É puro e branco o céu, — as ondas mansas,  
- Favorável a brisa; — irei de novo  
Sorver o ar puríssimo das ondas,  
E na vasta amplidão dos céus e mares  
De vago imaginar embriagar-me!  
Meus Amigos, Adeus! — Verei fulgindo  
A lua em campo azul, e o sol no ocaso  
Tingir de fogo a implacidez das águas;  
Verei hórridas trevas lento e lento  
Desceram, como um crepe funerário  
Em negro esquife, onde repousa a morte;  
Verei a tempestade quando alarga  
As negras asas de bulções, e as vagas  
Soberbas encastela, esporeando  
O curto bojo de ligeiro barco,  
Que geme, e ruge, e empina-se insofrido  
Galgando os escarcéus, — bem larga esteira  
De fósforo e de luz trás si deixando:  
Generoso corcel, que sente as cruces  
Agudas de teimosos acicates  
Lacerarem-lhe rábidas o ventre.

Inda uma vez, Adeus! Curtos instantes  
De inefável prazer — horas bem curtas  
De ventura e de paz frui convosco:  
Oásis que encontrei no meu deserto,  
Tépido vale entre fragosas serras  
Virente derramado, foi a quadra  
Da minha vida, que passei convosco.  
Aqui de quanto amei, do que hei sofrido,  
De tudo quanto almejo, espero, ou temo  
Deslembrado vivi! — Oh! quem me dera

Que entre vós outros me alvejasse a fronte,  
E que eu morresse entre vós! Mas força oculta,  
Irresistível, me persegue e impele.  
Qual folha instável em ventoso estio  
Do vento ao sopro a esvoaçar sem custo;  
Assim vou eu sem tino, - aqui pegadas  
Mal firmes assentando - além pedaços  
De mim mesmo deixando. Na floresta  
O lasso viandante extraviado  
Por todo o verde bosque estende os olhos,  
E cansado esmorece, — cai, medita,  
Respira mais de espaço, cobra alento,  
E nas solidões de novo ei-lo se entranha.  
Vestígios mal seguros sopra o vento,  
Ou nivela-os a chuva, ou relva os cobre:  
Talvez que folhas ásperas de arbusto  
Mordam velos da túnica, e denotem  
(Duvida o viajor, que os vê com pasmo)  
Que errante caminheiro ali passasse.  
E eu parti! — Não chorei, que do meu pranto  
A larga fonte jaz de há muito exausta;  
Há muito que os meus olhos não gotejam  
O repassado fel d'acre amargura;  
E o pranto no meu peito represado  
Em cinza o coração me há convertido.  
É assim que um vulcão se torna fonte  
De linfa amarga e quente; e a fonte em ermo,  
Onde não crescem perfumadas flores,  
Nem tenras aves seus gorjeios soltam,  
Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba,  
Transido de aflições, cheio de mágoa,  
Miserando parti! tal quando réprobo,  
Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,  
Em meio a sua dor só descobria  
Do Arcanjo os candidíssimos vestidos,  
E os lampejos da espada fulminante,  
Que o Éden tão mimoso lhe vedava.  
Porém quando algum dia o colorido  
Das vivas ilusões, que inda conservo,  
Sem força esmorecer, — e as tão viçosas  
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem  
Em mar de desenganos; — a desgraça  
Do naufrágio da vida há de arrojarm-me  
A praia tão querida, que ora deixo,  
Tal parte o desterrado: um dia as vagas  
Hão de os seus restos rejeitar na praia,  
Donde tão novo se partira, e onde  
Procura a cinza fria achar jazigo. **Fim**